

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

VIVIANNE MONTE DOS SANTOS

HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DOCENTE
NO COLÉGIO ESTADUAL PROFESSOR JOSÉ ACCIOLI

RIO DE JANEIRO

2011

VIVIANNE MONTE DOS SANTOS

HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DOCENTE
NO COLÉGIO ESTADUAL PROFESSOR JOSÉ ACCIOLI

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Angela Maria Souza Martins

RIO DE JANEIRO
2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

VIVIANNE MONTE DOS SANTOS

*HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DOCENTE
NO COLÉGIO ESTADUAL PROFESSOR JOSÉ ACCIOLI*

Aprovado pela Banca Examinadora

Rio de Janeiro, ____/____/____

Professora Dr^a Angela Maria Souza Martins
Orientadora – UNIRIO

Professora Dr^a Sônia de Castro Lopes
Membro externo – UFRJ

Professora Dr^a Nailda Marinho da Costa Bonato
Membro interno – UNIRIO

Professora Dr^a Ligia Martha Coimbra da Costa Coelho
Membro interno – UNIRIO

Prof^a Dr^a Miriam Waidenfeld Chaves
Suplente externo – UFRJ

Dedico este trabalho aos integrantes do Colégio Estadual Professor
José Accioli, sujeitos dessa história, ontem, hoje e amanhã.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, independente de credo ou religião, agradeço a Deus, Ser Supremo que me permitiu chegar aqui.

Aos meus familiares que me acompanharam até este ponto da caminhada, minha mãe, minha irmã e especialmente ao meu esposo, companheiro nas horas certas e aos meus filhos, verdadeiros anjos em nossas vidas, por todas as horas.

Aos mestres que mais uma vez guiaram meus passos na árdua trilha do ensino e agora também da pesquisa, principalmente às professoras doutoras Ângela Maria de Souza Martins e Lígia Martha Coimbra da Costa Coelho, por suas orientações valiosíssimas.

À professora doutora Sônia de Castro Lopes, por sua simplicidade ao aceitar gentilmente compor a banca de avaliação deste trabalho e por suas contribuições valiosas para o aprimoramento desta pesquisa.

Às professoras doutoras Nailda Marinho da Costa Bonato e Miriam Waidenfeld Chaves, por aceitarem a composição desta banca e também por terem contribuído para o aprimoramento desta dissertação.

Aos amigos de percurso, principalmente aos colegas de turma do mestrado por todos os incentivos mútuos.

À direção e toda a equipe do Colégio Estadual Professor José Accioli por contribuírem para esta pesquisa, especialmente ao Professor Paulo Medeiros e aos meus alunos queridos.

Ao presidente da Associação Encontros Musicais de Marechal Hermes, Sr Marcos Veiga, por ter me confiado todo o seu acervo.

Enfim, a todos os seres humanos que cruzaram meus caminhos e num simples contato foram capazes de transformar minhas ações e aperfeiçoar minha existência.

RESUMO

Consideramos que a história de uma instituição escolar revela sonhos, desejos, aspirações, encontros e desencontros. Buscamos desvelar os episódios que se sucederam ao longo dessa trajetória e propomos a “descoberta” da origem de uma escola, uma vida que começou a ser escrita em meados do século XX. Inicialmente, registramos a escassez de informações acessíveis por documentação oficial, acenando que a pesquisa, a coleta, a seleção, a organização, os relatos e outros dados que possam corroborar os registros dos fatos são raros e de difícil acesso. No decorrer do trabalho, apresentamos os primeiros dados dos arquivos do Colégio Estadual Professor José Accioli, instituição fundada em 1954, no subúrbio de Marechal Hermes, cidade do Rio de Janeiro. Utilizamos fontes documentais, fornecidas pelos próprios arquivos escolares, como Diários Oficiais da época, censos escolares apresentados à Secretaria Estadual de Educação, relatórios escolares e outros documentos afins. Reconhecemos, na fala de Justino Magalhães (1998), o arquivo escolar como fonte essencial, uma vez que a trajetória da instituição é construída a partir “da(s) memória(s) para o arquivo e do arquivo para a memória”. Tomando como base a análise documental e utilizando também da iconografia, apontamos a história da implementação do colégio. Iniciamos o resgate dessa memória com a abordagem de aspectos importantes da história do tradicional bairro carioca de Marechal Hermes, caracterizando o período de sua idealização e o início de sua construção, nos primeiros anos do século. Buscar a semente do Colégio, antes mesmo que germinasse, nos remeteu a traçar um breve relato da história do bairro, destacando, numa visão sintética, os fatos mais relevantes do período histórico abordado neste trabalho. Buscamos relatar que o progresso chegou ao subúrbio de Marechal Hermes com a construção de teatro, hospital, moradias, escolas, enfim, com a realização de toda uma infra-estrutura marcante para a Vila Proletária de Hermes, sob a égide da cultura-saúde-educação, num dos primeiros bairros planejados de nosso país. Acreditamos que conforme nos fala Diana Vidal (2005), integrado à vida da escola, o arquivo pode fornecer-lhe elementos para a reflexão sobre o passado da instituição, das pessoas que a frequentaram ou frequentam, das práticas que nela se produziram e, mesmo, sobre as relações que estabeleceu com seu entorno, a cidade e a região na qual se insere. Seguindo este propósito, buscamos os arquivos do colégio, onde constatamos a criação do Ginásio Professor José Accioli, a mudança de denominação e os dados biográficos do Patrono, que são elencados ao longo do texto, culminando na formação de professores realizada até os dias atuais no CEPJA. Nossa preocupação central consiste em retratar a vida de uma instituição escolar, enquanto parte de um contexto político, econômico e social, que sofre influências, mas também influencia a sociedade. Nossa principal intenção é realizar reflexões sobre a construção da história dessa instituição e resgatar sua documentação e memória, além da formação docente realizada nela e por ela.

Palavras-chave:

HISTÓRIA DAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES - COLÉGIO ESTADUAL PROFESSOR JOSÉ ACCIOLI - HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

ABSTRACT

Concerning the history from a school institution reveals some dreams, wishes, aspirations, meetings and failures to meet. We found out the episodes which had happened during that trajectory and we also propose the “discovery” from that school, a life that started to be written in the middle of 20th century. At the beginning, we realized the lack of information accessible for the official documents, showing that the research, the collection, the selection, the organization, the speeches and the others important piece of information would be rare and hard to access them through the registration of the facts. During the research, we introduced the first piece of information from the archives “Colégio Estadual Professor José Accioli”, an institution founded in 1954, on the suburb of Marechal Hermes, Rio de Janeiro city. We used as a source some documents found on the school files: the official newspapers from that period time, the school censures presented to a state-owned Secretary of Education, the school reports and others similar documents. We recognized, on the Justino Magalhães’ speech (1998), the school file as an essential resource, since the trajectory of that institution was built from “the memoirs to the file and from the file to the memory”. Having as basis the analysis of documents and also using the iconography, we aimed the story of that school implementation. We started the rescue of the memory with the approach to important topics of the history to the traditional district of Marechal Hermes, characterizing the period of its idealization and its construction, on the first years of 20th century. Finding out the “seed” of the school, before its germination, we kept up with a brief historical narrative of the district, pointing out, in a concise view, the facts more relevant of the historical period approached on this research. We related that the progress had only arrived in Marechal Hermes after the construction of a theater, a hospital, some buildings and houses, some schools, at last, with the realization off all infrastructure outstanding for the “Vila Proletária de Hermes”, under the triad culture-health-education, one the first planned districts of your country. We believe on Diana Vidal’s speech (2005): when the file is related to the school’s life, it becomes important and it could supply facts to reflect about the past of the institution, the past of the people who has already attend or still attend the classes, the practices that had been produced in and, at the same time, about the relations established around it, the city and the region which was became part of it. Following this purpose, we looked for the school’s files, where we verified the creation of the “Ginásio professor José Accioli”, the domination changing and the patron’s biography information that had been quoted in the text, since the vocational training for teachers took place until today in “CEPJA”. Our main preoccupation consists in portraying the life of a school institution. While part of a political, economical and social context which is influenced, but also its influences the society. Our main intention is to reflex about the history of that institution and to rescue its documents and memory, beyond the teachers’ vocational training in it and for it.

KEY-WORDS:

HISTORY OF THE SCHOOL INSTITUTIONS, COLÉGIO ESTADUAL PROFESSOR JOSÉ ACCIOLI, EDUCATION HISTORY.

SUMÁRIO

Introdução	11
Capítulo 1 - Os primeiros passos na História	
1.1 - História do bairro de Marechal Hermes	18
1.2 – O cenário social brasileiro entre as décadas de 1950 e 1960	28
Capítulo 2 - O Colégio Estadual Professor José Accioli: uma vida a contar	
2.1 - Dados biográficos do Patrono	37
2.2 - A arquitetura do prédio	41
2.3 - Formação Geral e Formação de Professores – anos de (co) existência... 43	
2.4 - CEPJA como instituição formadora de professores	46
2.5 - Os passos mais recentes da história	58
2.5.1 – Alguns projetos da atualidade	62
Capítulo 3 - Desafios e percepções da formação de professores no Colégio Estadual Professor José Accioli nos dias de hoje	
3.1 - Formação docente e alguns desafios impostos no Século XXI	75
3.2 - No discurso de professores e alunos: percepção e análise de dados.....	77
3.3 - Considerações sobre os desafios e as percepções	82
Considerações Finais: perspectivas futuras, sonhos a alcançar	85
Referências Bibliográficas	89
Anexos	
Anexo 1 - Instrumento aplicado em alunos do terceiro ano (2010)	94
Anexo 2 - Instrumento aplicado em professores (2011)	95
Anexo 3 - Grades curriculares dos cursos técnicos oferecidos no CEPJA	97
Anexo 4 - Processo de tombamento do CEPJA.....	104
Anexo 5 - Termos de Consentimento livre e esclarecido (docentes).....	120
Anexo 6 - Termos de Consentimento livre e esclarecido (discentes)	146

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figuras	Descrição	Fonte	Página
FIGURA 1	Cópia da planta original do Projeto da Vila Proletária de Hermes	Acervo da Associação Encontros Musicais de Marechal Hermes	19
FIGURA 2	Inauguração da Estação Ferroviária de Marechal Hermes	Acervo da Associação Encontros Musicais de Marechal Hermes	21
FIGURA 3	Foto da inauguração do Teatro Armando Gonzaga	Acervo da Associação Encontros Musicais de Marechal Hermes	22
FIGURA 4	Jornal da época da inauguração do teatro	Acervo da Associação Encontros Musicais de Marechal Hermes	22
FIGURA 5	Foto do início do século XX, da rua principal de Marechal Hermes	Acervo da Associação Encontros Musicais de Marechal Hermes	23
FIGURA 6	Paróquia de Nossa Senhora das Graças	Acervo da Associação Encontros Musicais de Marechal Hermes	25
FIGURA 7	Fachada do Cine Lux	Acervo da Associação Encontros Musicais de Marechal Hermes	25
FIGURA 8	Foto de três operários da Fábrica Nacional de Vagões (FNV)	Acervo da Associação Encontros Musicais de Marechal Hermes	26
FIGURA 9	Vagão ferroviário que levava o nome do Presidente Dutra	Acervo da Associação Encontros Musicais de Marechal Hermes	27
FIGURA 10	Jogo de futebol nas imediações da FNV	Acervo da Associação Encontros Musicais de Marechal Hermes	27
FIGURA 11	Foto do “Ginásio Municipal Professor José Accioli”	Acervo da Associação Encontros Musicais de Marechal Hermes	34
FIGURA 12	Foto de alunos na década de 1960	Acervo do CEPJA	35
FIGURA 13	Busto do Prof ^o José Accioli	Acervo particular da autora da dissertação	37
FIGURA 14	Placa de homenagem ao professor José Accioli	Acervo particular da autora da dissertação	38
FIGURA 15	Livro original da posse no Colégio Pedro II.	Acervo do NUDOM/CPII	39
FIGURA 16	Fachada do Colégio	Acervo da Associação Encontros Musicais de Marechal Hermes	42
FIGURA 17	Grade curricular do Curso de Formação de Professores	Acervo do CEPJA	47
FIGURA 18	Grade curricular de 1990	Acervo do CEPJA	48
FIGURA 19	Grade Curricular de 2000	Acervo do CEPJA	50
FIGURA 20	Foto da placa comemorativa dos 50 anos do CEPJA	Acervo particular da autora da dissertação	51
FIGURA 21	Foto da placa alusiva aos 25 anos do Curso de Formação de professores no CEPJA	Acervo particular da autora da dissertação	51
FIGURA 22	Grade curricular do Curso de Formação de Professores, em vigor desde 2010	Acervo do CEPJA	53
FIGURA 23	Bandeira do colégio	Acervo particular da autora da dissertação	58
FIGURA 24	Entrada original do CEPJA	Acervo particular da autora da dissertação	63
FIGURA 25	Fachada lateral do colégio	Acervo particular da autora da dissertação	63
FIGURA 26	Quadra do colégio	Acervo particular da autora da dissertação	64
FIGURA 27	Gabinete da Direção	Acervo particular da autora da dissertação	64
FIGURA 28	Sala dos professores	Acervo particular da autora da dissertação	65
FIGURA 29	Corredor de acesso às salas de aula	Acervo particular da autora da dissertação	65
FIGURA 30	Sala de Informática	Acervo particular da autora da dissertação	66
FIGURA 31	Sala de aula do CEPJA	Acervo particular da autora da dissertação	67
FIGURA 32	Distintivo do colégio e as insígnias representativas do 1º, 2º, 3º e 4º anos.	Acervo particular da autora da dissertação	67
FIGURA 33	Desfile cívico do ano de 2008	Acervo particular da autora da dissertação	68
FIGURA 34	Cerimônia de troca do Pelotão de Bandeiras	Acervo particular da autora da dissertação	69

INTRODUÇÃO

Ao realizar este estudo, buscamos resgatar a história institucional do Colégio Estadual Professor José Accioli – CEPJA, situado no subúrbio de Marechal Hermes, no Rio de Janeiro, focando, principalmente, a formação de professores ali realizada, desde 1984.

A proposta desta reflexão é partir da criação da instituição até os dias de hoje, visando compreender a complexidade da organização, contextualizá-la numa dimensão histórica, buscando responder as seguintes questões:

- Quais são os aspectos políticos, econômicos, filosóficos e culturais que colaboraram para a criação e cultura dessa instituição?

- Qual a trajetória do curso de formação de professores para as séries iniciais do ensino fundamental do CEPJA?

- Qual a relevância desta escola para a comunidade local, ao longo de sua existência?

Segundo Nascimento (2007), a Instituição Escolar não é feita apenas de professores, alunos e métodos, embora eles sejam importantes. Ela se constitui a partir de interesses que identificam os marcos que são a identidade da sociedade. Isso se dá através de princípios em uma comunidade politicamente organizada, ocupando determinado território e dirigida por um governo, estabelecendo desta forma as relações que absorvem as tendências dominantes em cada momento da história. Dessa maneira, o objetivo que se estabelece é analisar, numa abordagem histórica, a instituição escolar e a formação de professores realizada no CEPJA.

Sendo assim, a pesquisa parte da criação legal desta instituição, no período do nacional desenvolvimentismo de nosso país, para finalmente atingir o propósito deste estudo: o relato dessa “vida” até os nossos dias.

Essa aproximação e interesse no objeto apresentado deve-se, primeiramente, pela motivação particular em estudar a formação de professores em nível médio, modalidade normal, já que tenho minhas raízes profissionais fincadas nela. Um segundo aspecto, que corroborou para a escolha desta instituição foi a ausência de trabalhos sobre sua história e, finalmente, um último aspecto decisivo deu-se ao fato de “fazer parte” dela. Há três anos atuo como professora de disciplinas pedagógicas no CEPJA, após ter sido aprovada em concurso público, realizado no ano de 2007 pela Secretaria Estadual de Educação do Estado do Rio de Janeiro (SEEDUC/RJ). Este último aspecto foi um “facilitador” na pesquisa e no acesso aos dados, aos documentos, às instalações, aos alunos, aos professores e à toda a comunidade escolar.

O colégio foi instituído, inicialmente, com a denominação de “Ginásio Municipal de Marechal Hermes”, a partir da Portaria nº 375 do MEC, de 16 de agosto de 1949, que autorizou a criação de uma escola, no subúrbio de Marechal Hermes. Esta instituição foi inaugurada somente em 19 de abril de 1954. Em 24 de maio daquele mesmo ano, com a Resolução nº 08 do Prefeito do Distrito Federal, Dulcídio do Espírito Santo Cardoso, passou a chamar-se “Ginásio Municipal Professor José Accioli”. Em setembro de 1966, com a criação do Estado da Guanabara, sua denominação mais uma vez sofreu alteração pelo Decreto nº 686, passando a chamar-se Colégio Estadual Professor José Accioli (CEPJA), nome mantido até hoje. O colégio está situado à Rua Costa Filho, 500, em Marechal Hermes e teve, recentemente, seu prédio tombado pelo patrimônio histórico da cidade do Rio de Janeiro.

A história dessa instituição, que hoje é uma casa de formação de professores, vem concorrer na definição da identidade profissional do “*professor primário*” e nos revela múltiplas facetas, que podem contribuir sobremaneira para o estudo da história da educação em nosso Estado.

Dessa forma, justificamos a relevância do estudo, destacando na visão de Freitag (1986), que a educação só pode ser entendida sobre o pano de fundo de tendências macrossociológicas, ou seja, a partir da inserção da escola no grande espectro social. É neste sentido, que buscamos avaliar como essa instituição foi se delineando ao longo do tempo e do espaço como instituição educacional e num segundo momento como instituição formadora de professores.

Essa pesquisa inscreve-se num tempo histórico que está compreendido desde o fim do Estado Novo, com a adoção da Constituição Brasileira de 1946, a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 4024/61) e demais fatos ocorridos, à época, até a atual situação do país: com uma “nova LDB” (Lei nº 9394/96), com a “estabilidade econômica”, com a abertura política e outras condicionantes.

Neste período, assistimos transformações significativas no campo sócio-educacional, principalmente no que se refere ao movimento de criação de Escolas Normais em nosso país. Marcada por diversos movimentos de afirmação e de reformulações, a Escola Normal chegou aos anos 1940/50 como instituição pública fundamental no papel de formadora dos quadros docentes para o ensino primário brasileiro.

Justamente nesta época, houve a criação do colégio que ora será investigado, porém, no momento de sua criação, a formação de professores não era prevista, vindo acontecer, apenas, trinta anos depois. Sua proposta pedagógica inicial, de Ginásio Municipal, sofreu

várias alterações até os dias de hoje. Abrigou o ensino de Formação Geral, o ensino Técnico, em seguida, o Ensino Normal e permaneceu assim por vários anos, quando tinha seu funcionamento nos turnos diurno e noturno. Entretanto, nos últimos seis anos, passou a dedicar-se exclusivamente à Formação de Professores, nos horários matutino e vespertino. No ano letivo de 2010, vive mais uma mudança curricular, no curso que abriga¹. Sabemos que os propósitos da formação de professores, em nível médio, foram (re) definidos diversas vezes, chegando até a beirar a extinção. Porém, temos o dever de reconhecer que sua presença é indiscutível e marcante até os dias atuais, no estado do Rio de Janeiro².

Para este trabalho, a estratégia metodológica inicial adotada é de pesquisa bibliográfica e análise documental, utilizando, em um segundo momento, pesquisa de campo, com aplicação de questionários. A pesquisa documental foi realizada nos acervos da Secretaria Estadual de Educação, do Centro de Referência da Educação Pública do município do Rio de Janeiro, do Arquivo da cidade do Rio de Janeiro, do Núcleo de Documentação e Memória (NUDOM), do Colégio Pedro II, da Fundação Casa de Rui Barbosa, da Associação Encontros Musicais de Marechal Hermes e nos assentamentos da própria instituição escolar, com o propósito de realizar um panorama institucional, bem como para ampliar a fundamentação teórica dessa investigação. Além das inúmeras visitas aos acervos indicados, foi necessário realizar todo um trabalho de fotografias das instalações, do mobiliário, enfim, de alguns aspectos que julgamos importantes para a ilustração dessa história.

Podemos destacar a valorização das investigações que almejam dar conta dos vários atores envolvidos no processo educativo, especialmente naquele que se passa no interior das escolas. Parece-nos que a ênfase dada às análises mais sistêmicas cede lugar às análises que privilegiam uma visão mais profunda dos espaços sociais destinados aos processos de ensino - aprendizagem (Gatti, 2000, p. 277)

No sentido de complementar a pesquisa documental e bibliográfica, recorremos a pesquisa de campo como oportunidade de explorar a trajetória histórica da instituição escolar pesquisada, ouvindo o relato dos sujeitos diretamente ligados a ela, gestores, professores e alunos, resgatando assim, a história desse colégio, através da iconografia, de dados

¹ No ano de realização desta pesquisa, a escola passa a cumprir novas exigências curriculares visando à formação de um novo profissional do magistério – os discentes, ingressantes em 2010, passaram a ter uma maior carga horária de Didática e disciplinas afins, objetivando sua instrumentação como professores da Educação Infantil e não mais como professores das séries iniciais do Ensino Fundamental. Neste ano, a escola está experimentando o novo currículo e finalizando a antiga formação. Há turmas do novo e do antigo currículo compondo este cenário educacional.

² Muitos estados brasileiros já não realizam mais a Formação de Professores em nível médio (Normal). O Rio de Janeiro ainda resiste e mantém outras escolas de ensino Normal, além do CEPJA.

documentais, do diálogo propriamente dito e das representações de seus atores. Com o estudo das representações de seus atores buscamos revelar as ideias e valores socialmente elaborados e partilhados, buscando mostrar como alunos, professores e gestores vêm e simbolizam a formação de professores e a profissão docente no Colégio Estadual Professor José Accioli.

Como orientação desta breve análise, buscamos Chartier (2002) e sua noção de representação “para designar o modo pelo qual em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade é construída, pensada, [...] por diferentes grupos sociais” (Chartier, 2002). Segundo ele, é possível identificar “a construção das identidades sociais como resultado de uma relação de força entre as representações impostas por aqueles que têm poder de classificar/de nomear e a definição, submetida ou resistente, que cada comunidade produz de si mesma” (Chartier, 2002).

Sobre Chartier, Martins (1996) nos fala que:

A grande preocupação de Chartier é o estudo das representações sociais, das práticas culturais e o processo de apropriação. Segundo ele, os historiadores não devem considerar a cultura um mero reflexo da realidade social, nem considerar que as ações simbólicas e rituais expressam um significado central, coerente e comunal. A história deve ser também sensível às desigualdades na apropriação de materiais ou práticas comuns (Martins, 1996, p.17).

Face ao exposto, buscamos estudar a história cultural da instituição escolar José Accioli na tentativa de identificar como a realidade de hoje foi construída, vivida, pensada, “dada a ler”, pelo grupo que a constitui. Sabemos que cada grupo social tem seus interesses, suas concepções e seus valores. Reconhecemos as categorias fundamentais de Chartier nesta análise: *representação, prática e apropriação*. Assim, perguntamos qual a representação da formação de professores e da profissão docente para o CEPJA da atualidade?

Destacamos, na fala de Nascimento (2007), que a história da educação é apenas uma parte da história; assim, acreditamos que este estudo cumprirá o seu papel ao traçar a trajetória histórica de uma instituição, representativa para a formação de professores no Rio de Janeiro, por estar instituída desta forma. Acreditamos que é possível contribuir, principalmente, para a reflexão da identidade deste profissional, em nosso Estado, além de subsidiar novos estudos, a partir do levantamento dos dados específicos da história do Colégio.

Tendo em vista este enfoque, no primeiro capítulo será abordada a criação do bairro de Marechal Hermes, berço do CEPJA. Procuramos em suas origens, resgatar dados anteriores e contemporâneos à criação do Colégio, vivenciada em um momento de expansão e urbanização deste subúrbio carioca, destacando-se as principais construções da época. O

capítulo seguinte, trata da criação legal da escola propriamente dita, sua história inicial, sua fundação, sua implementação, enfim um primeiro mapeamento que revelará os dados iniciais para a construção da história dessa instituição. Em seguida, o terceiro capítulo revelará a formação docente, realizada nesta instituição escolar a partir de 1984 e, finalmente, a vida desse colégio e a *praxis* pedagógica vivida por docentes e discentes, na atualidade.

Defendemos uma linha metodológica que descreva a história da instituição escolar, explicitando suas relações com o contexto econômico, político, social e cultural, dialeticamente relacionados. Buscaremos estabelecer uma conexão entre escola e sociedade, entendendo que a instituição escolar e o contexto sócio-econômico mantém uma relação recíproca, ou seja, o contexto sócio-econômico influencia as orientações que embasam a instituição educacional, mas esta, de certa forma, também interfere neste contexto. Assim sendo, a abordagem proposta, neste estudo, não pretende se limitar a uma descrição, mas procura conferir um sentido histórico, tornando-se necessário desvendar a ação dos atores, inquirindo-os do ponto de vista político e simbólico (Magalhães, 1996).

Nessa direção, Magalhães (1996) afirma que:

Compreender e explicar a existência histórica de uma instituição educativa é, sem deixar de integrá-la na realidade mais ampla que é o sistema educativo, contextualizá-la, implicando-a no quadro de evolução de uma comunidade e de uma região, é por fim sistematizar e (re) escrever-lhe o itinerário de vida na sua multidimensionalidade, conferindo um sentido histórico (Magalhães, 1996, p. 2).

Sabemos que nos anos de 1950, as ações governamentais consistiram no esforço de serem criadas condições internas para o desenvolvimento nacional, utilizando-se de uma aliança abrangente entre os diversos segmentos sociais. É imprescindível lembrar que, neste período, a escola pública brasileira representava um ensino de qualidade e era almejada por todos os segmentos da sociedade³. O processo de desenvolvimento econômico, nesta época, baseava-se, exclusivamente, nas exportações tradicionais e na substituição de importações industriais de consumo, bem como de alguns bens duráveis de consumo e de capital. O Brasil teve grande capacidade para importar e fez investimentos em setores estratégicos, desenvolvendo grandes projetos: Petrobrás, Eletrobrás e investimento em transporte.

Conforme exposto, buscaremos em diferentes fontes o resgate da história e da cultura vivida pelo CEPJA em seus anos de existência, destacando que a cultura escolar não pode ser estudada sem a análise precisa das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada

³ O ensino secundário gozava de maior prestígio por ser o caminho de acesso ao 3º grau e por representar a quantidade da população que aspirava ascensão social através da educação.

período de sua história, com o conjunto das culturas que lhes são contemporâneas: cultura religiosa, cultura política ou cultura popular. Para ser breve, poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos (Julia, 2001).

Buscamos, dessa forma, neste trabalho:

Mergulhar no interior de uma Instituição Escolar, com o olhar do historiador, é ir em busca das suas origens, do seu desenvolvimento no tempo, das alterações arquitetônicas pelas quais passou, e que não são gratuitas; é ir em busca da identidade dos sujeitos (professores, gestores, alunos, técnicos e outros) que a habitaram, das práticas pedagógicas que ali se realizaram, do mobiliário escolar que se transformou e de muitas outras coisas. Mas o essencial é tentar responder à questão de fundo: o que esta instituição singular instituiu? O que ela instituiu para si, para seus sujeitos e para a sociedade na qual está inserida? Mais radicalmente ainda: qual é o sentido do que foi instituído? (Sanfelice, 2006, p.24).

No CEPJA, os acervos escolares apontaram, num primeiro momento, para a história de uma instituição que necessita ser revelada e preservada. A ausência de memória nos fez recorrer a outras fontes e à busca incessante de novas descobertas, além da real necessidade do “saber x fazer x escrever”.

Vale registrar que o estudo dos acervos escolares e das possíveis fontes de consulta neste trabalho de (re) escrita⁴ da história do CEPJA⁵ tem se revelado bastante difícil. Primeiro, pela rara disponibilidade de informações acessíveis por meio da documentação oficial de registro dessa história: segundo, pela falta de informação, relatos e outros dados que possam corroborar com os fatos a serem registrados. Nesta etapa da pesquisa, a coleta, a seleção, a organização, enfim todo o levantamento de material tem acontecido, principalmente, pelo apoio da comunidade escolar. O ideal de ter essas fontes à disposição para consulta, de maneira organizada e rica, está distante de acontecer.

No caso dos acervos escolares, Bonato (2000), incorporando os conceitos de Silva (1998) nos fala que se por um lado, a forma de preservação⁶ e conservação⁷ por parte das

⁴ Chamo de (re) escrita da história do Colégio Estadual Professor José Accioli, embora seja desconhecida a existência de outro trabalho semelhante.

⁵ CEPJA – Colégio Estadual Professor José Accioli.

⁶ O conceito de Preservação trazido por Bonato (2000), com base em Silva (1998) considera: “...*toda ação que se destina a salvaguardar ou a recuperar as condições físicas e proporcionar permanência aos materiais dos suportes que contêm a informação.*” (Silva, 1998, p.9)

⁷ Bonato coloca que tecnicamente Conservação é entendida como “*um conjunto de procedimentos que tem por objetivo melhorar o estado físico do suporte, aumentar sua permanência e prolongar-lhe a vida útil, possibilitando, desta forma, o seu acesso por parte das gerações futuras.*” (Silva, 1998, p.9)

escolas pode se constituir num problema, por outro, a falta de conhecimento da existência dessas fontes e de sua divulgação também é fato.

Assim, em busca do sentido do que se instituiu no Colégio Professor José Accioli, esta pesquisa pretende revelar os sujeitos, os espaços, os tempos e outros aspectos que possam ser constituintes dessa identidade social. A história de Marechal Hermes, os acervos que revelam a identidade deste subúrbio, as fontes históricas, as fotografias e outros dados específicos da história do bairro são os primeiros instrumentais desta (re) escrita⁸ e se encarregam do primeiro capítulo deste estudo.

⁸ Neste momento, quando chamo (re) escrita, defino uma ação que julgo realmente tratar-se de reescrita. No sentido de resgatar aquilo que já foi “escrito” historicamente, embora nem sempre tenha sido registrado, agora esteja sendo revivido, na forma escrita, na representação gráfica da língua.

Quando falamos de história, temos o costume de nos refugiar no passado. É nele que se pensa encontrar o seu começo e o seu fim. Na realidade, é o inverso: a história começa hoje e continua amanhã.

D.N Marinotis

CAPÍTULO 1

OS PRIMEIROS PASSOS NA HISTÓRIA

Trilhar o caminho de criação do Colégio Estadual Professor José Accioli - CEPJA - tem sido um exercício constante de busca de dados, fontes históricas, informações e quaisquer outros aspectos que possam elucidar os passos da história que vem sendo “escrita” há cinquenta e sete anos. Fez-se necessário antes mesmo de buscar a história do colégio propriamente dita, iniciarmos este trabalho por uma pesquisa sobre a história do bairro e tudo aquilo que circunda o estabelecimento de ensino, objeto de nosso estudo.

Registramos então, neste capítulo inicial, um breve histórico do bairro de Marechal Hermes, sua idealização e sua construção. Em seguida, abordamos as construções mais importantes, realizadas antes ou no mesmo período de criação do CEPJA, como a Estação Ferroviária, o Teatro Armando Gonzaga (inaugurado no mesmo dia que o colégio), o Hospital Carlos Chagas, a Paróquia de Nossa Senhora das Graças, o Cine Lux, as grandes praças, a maternidade Alexandre Fleming, a Fábrica Nacional de Vagões, as construções das moradias e dos conjuntos habitacionais.

Feita a caracterização do ambiente, começamos a resgatar a memória da criação do Colégio em si, elencando alguns documentos do período de sua criação e os dados biográficos de seu patrono, professor José Accioli. Ao final, concluímos nossas primeiras descobertas com as possíveis contribuições desses passos para a (re) escrita desafiadora da história do colégio.

1.1 - História do bairro de Marechal Hermes⁹

Fundado em 1º de maio de 1913, o bairro de Marechal Hermes foi um dos primeiros bairros operários planejados no Brasil. Estritamente residencial, com direito a ampla rede de serviços públicos como escolas, hospital e teatro, o bairro de Marechal Hermes nasceu como uma vila proletária, idealizado pelo então Presidente da República Marechal Hermes da Fonseca, que preocupado com a carência de moradias populares, enfrentou a oposição do Congresso e determinou sua construção, destinando para isso uma fortuna para a época¹⁰.

⁹ Dados gentilmente cedidos pela Associação Encontros Musicais de Marechal Hermes e também pela história dos bairros – Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro.

¹⁰ Há registros de que o valor destinado para a obra, à época, tenha sido em torno de 11 mil contos.

O bairro teve no Tenente Engenheiro Palmyro Serra Pulcheiro a responsabilidade do desenho e a execução da planta¹¹. Sua construção previa ruas largas e arborizadas, com 1350 edificações, vários tipos de moradias, escolas profissionalizantes masculinas e femininas, repartições públicas, cinema, biblioteca, praças de esportes, hospitais e creches. Este fato pode ser constatado, conforme a planta do projeto original:

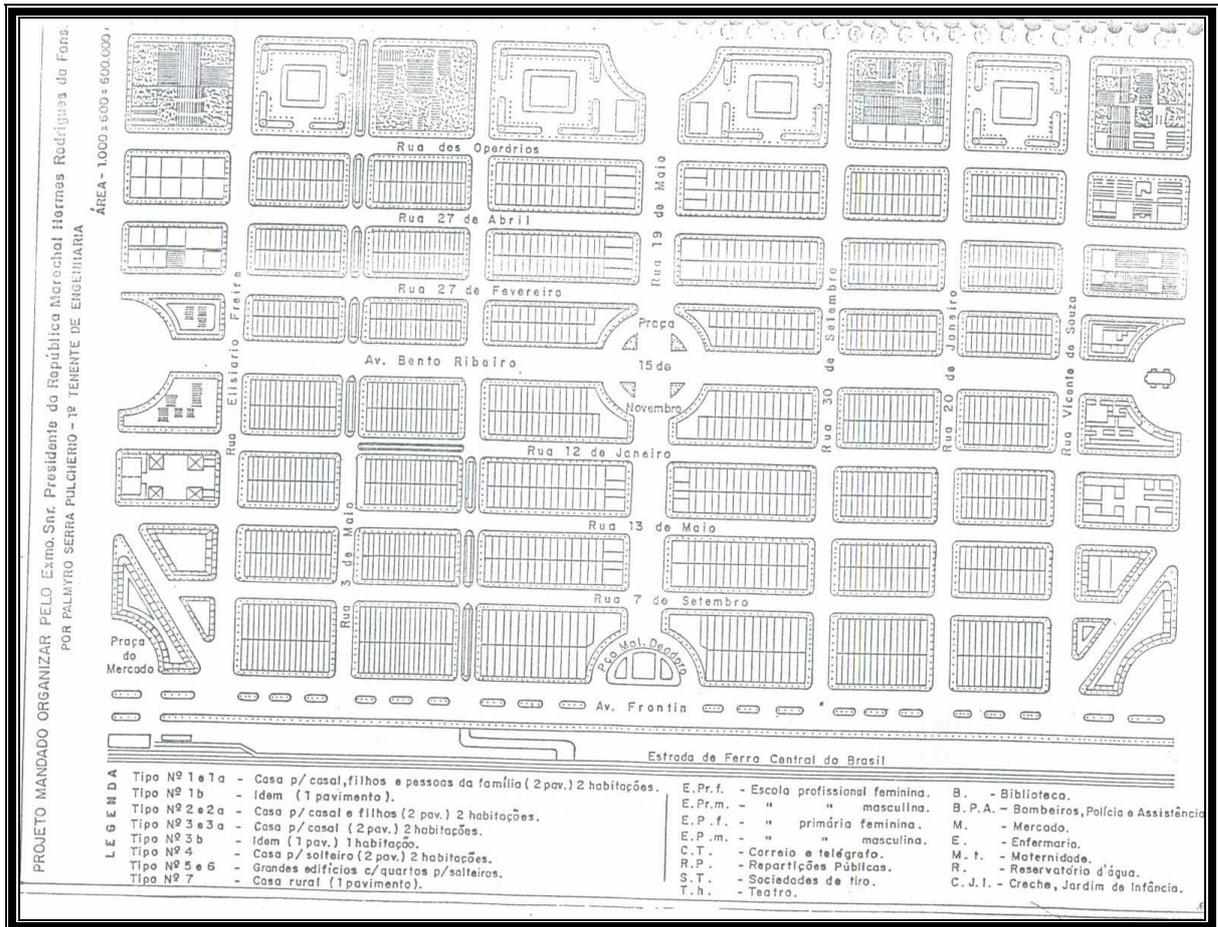


FIGURA 1 Cópia da planta original do Projeto da Vila Proletária de Hermes (acervo da Associação Encontros Musicais de Marechal Hermes).

Sabemos que o bairro começou a desenvolver-se em torno da estação de trem, sendo projetado e executado a partir de 1911, com traços da arquitetura modernista. No dia 1º de maio¹² de 1913, na presença do Presidente da República Marechal Hermes da Fonseca foi inaugurado. No entanto, com o término do governo de Hermes em 1914, o projeto que sofrera grande oposição da sociedade e da imprensa, foi abandonado à própria sorte. Dos 1350

¹¹ Segundo Fernandes (2009), o projeto da vila operária contemplava a construção de edifícios para escola profissional feminina e escola profissional masculina, escola primária feminina e escola primária masculina, correios e telégrafos, sede para a prefeitura, sociedade de tiro, teatro, biblioteca, mercado, bombeiro, polícia, assistência, enfermagem, maternidade, creche e jardim de infância. Além de reservatório de água.

¹² Dia do trabalhador. Ver figura 2.

imóveis previstos apenas 165 foram construídos surgindo assim, agregadas à vila, moradias simples, construídas pelo operariado. Essa parte da vila se tornou conhecida como “Portugal Pequeno” devido à forte presença de imigrantes portugueses.

Em 1930, com Getúlio Vargas na Presidência da República, suas obras foram finalmente retomadas, depois de uma dura intervenção urbana e política no projeto original. O bairro cujos sobrados chegavam a ter até 90 m² ganhou blocos de apartamentos e teve os nomes das ruas antes referentes a datas significativas do movimento operário, substituídos por nomes de militares.

A estação ferroviária, construída em 1912, foi influenciada pelo modelo das ferrovias inglesas. Feita de tijolo maciço, o prédio é resultado de um período arquitetônico eclético. Sua estrutura é marcada pela presença de telhas francesas, quatro fachadas, amplas coberturas e detalhes em azulejos de origem alemã e belga, com arcos de ferro fundido franceses.

Inaugurada durante o Governo de Marechal Hermes da Fonseca, então presidente do Brasil, a estação não guarda apenas lembranças de valor arquitetônico, mas foi graças a ela e em torno dela que o bairro desenvolveu-se. As obras de duplicação da estrada de ferro, no mesmo período, também possibilitaram a integração da região, considerada de difícil acesso, ao Centro do Rio de Janeiro. No rastro das reformas vieram as novas moradias, o comércio, a urbanização e o saneamento básico. Desde sua construção, a estação passou por algumas reformas e sofreu modificações. A mais profunda foi a demolição de uma torre de aproximadamente seis metros de altura que exibia um relógio com quatro faces (conforme figura 2). Segundo relatório do Instituto Estadual de Patrimônio Artístico e Cultural (INEPAC), o relógio foi levado para Minas Gerais. Na foto a seguir, podemos verificar o operariado, devidamente trajado para a ocasião, aguardando a presença do Presidente da República para a inauguração da estação.

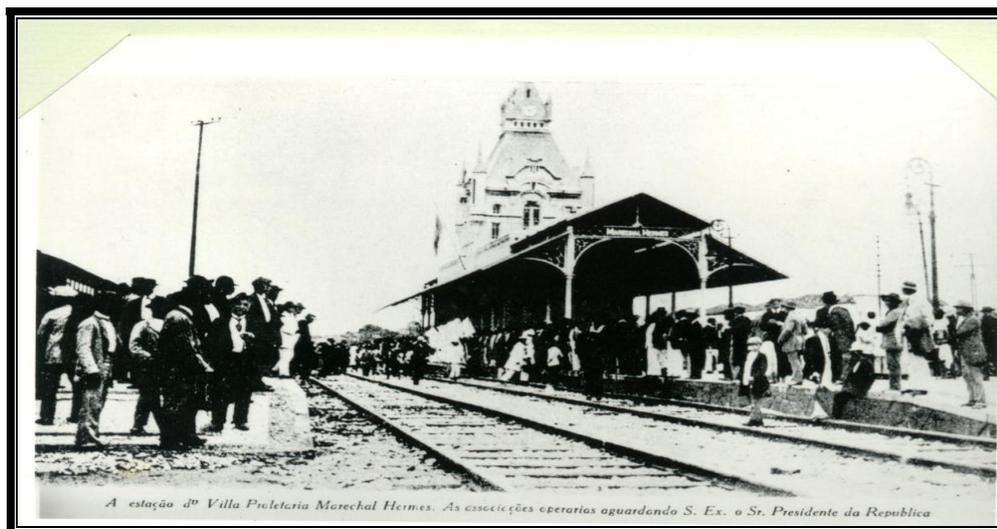


FIGURA 2 Inauguração da Estação Ferroviária de Marechal Hermes (Acervo da Associação Encontros Musicais de Marechal Hermes)

O bairro de Marechal Hermes foi projetado na tríade da cultura - saúde - educação e, seguindo esta linha, manteve dos planos originais, a criação de um teatro e um cinema. O Teatro Armando Gonzaga¹³ foi inaugurado, pelo prefeito do Distrito Federal Dulcídio do Espírito Santo Cardoso, em 19 de abril de 1954, no mesmo dia de fundação do CEPJA. Tornou-se uma importante opção de lazer e cultura na zona norte da cidade. Seu nome trata-se de homenagem ao jornalista e dramaturgo Armando Gonzaga (1884-1953), grande satirizador dos costumes da primeira metade do século XX.

Sua obra – na maioria comédias leves – usava como temática conflitos familiares, costumes cotidianos e situações envolvendo personagens tipicamente cariocas. O Teatro funciona até hoje no bairro de Marechal Hermes e tem desenvolvido algumas parcerias com o Colégio, com o objetivo de incentivar o acesso à cultura, diversificando as atividades de lazer da comunidade escolar.

¹³ Dados obtidos na FUNARJ.



FIGURA 3 Foto da inauguração do Teatro Armando Gonzaga (Acervo da Associação Encontros Musicais de Marechal Hermes)

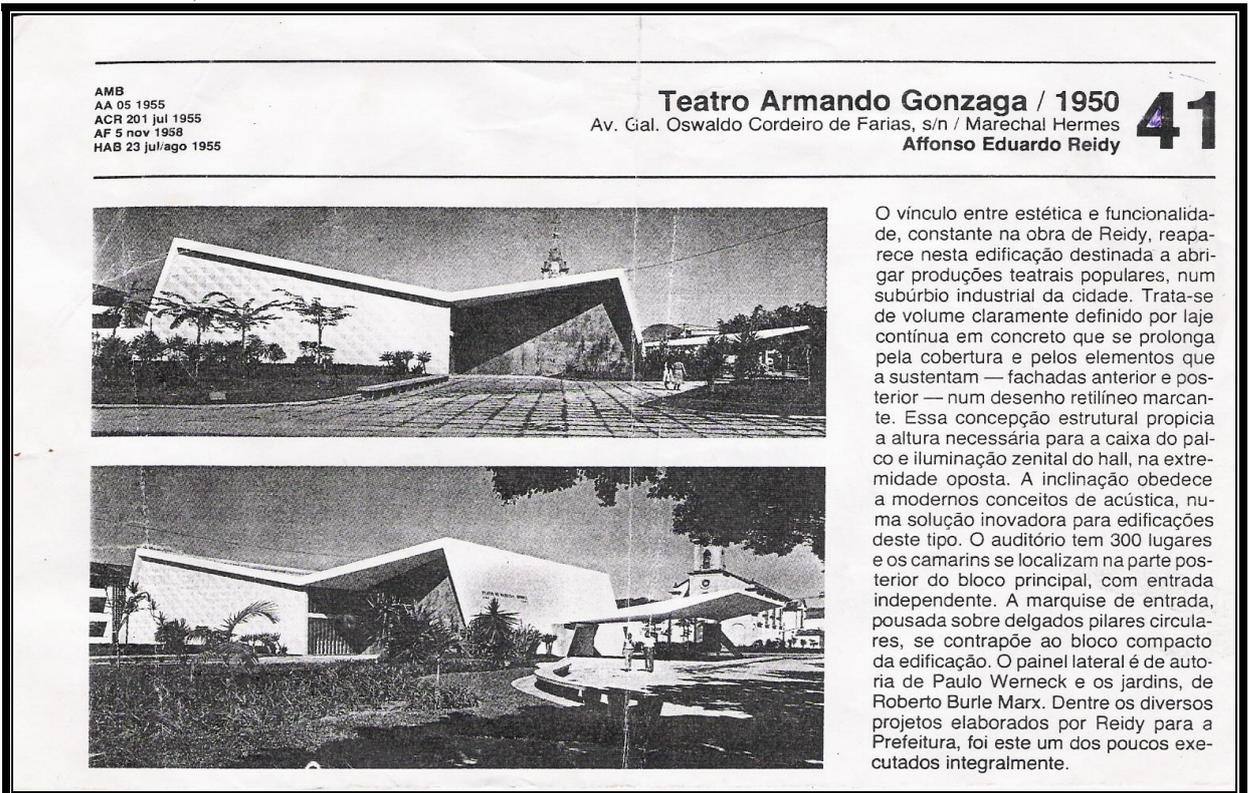


FIGURA 4 Jornal da época da inauguração do teatro, ressaltando a obra de Reidy, responsável pela arquitetura e os jardins de Burle Marx. (Acervo da Associação Encontros Musicais de Marechal Hermes)

O toque final de Vargas na Vila de Hermes veio em 1954, quando 40 anos após a sua inauguração, finalmente foi entregue o teatro que constava em seu projeto original, mas agora em um edifício de um dos maiores arquitetos modernistas brasileiros, Afonso Eduardo Reidy,

ambientado em jardins do não menos renomado Burle Marx. Assim, após 40 anos, Vargas concluiu o projeto do Marechal Hermes¹⁴.



FIGURA 5 – Foto do início do século XX, da rua principal de Marechal Hermes (Rua: João Vicente). Do lado esquerdo, o casario com calçadas largas e arborizadas. Do lado direito a estrada de ferro, tendo ao fundo o prédio da estação ferroviária. Do outro lado de Marechal Hermes, na direção da estação, parte das instalações da Fábrica Nacional de Vagões – FNV. (Acervo da Associação Encontros Musicais de Marechal Hermes)

A segunda fase de conclusão da ocupação dos terrenos da Vila Marechal Hermes¹⁵ ocorreu nas décadas de 1940 e 1950, após a transformação do Instituto de Previdência dos Funcionários Públicos da União (IPFPU) em Instituto de Previdência e Aposentadoria dos Servidores do Estado (IPASE), em 1938, ou mais especificamente, após a constituição da carteira predial do IPASE, em 1941, que lhe possibilitou recursos para desenvolver projetos em vários pontos da cidade. Assim, nos últimos terrenos da Vila de Hermes, o IPASE edificou 589 casas com diferentes tipologias, três conjuntos habitacionais, um teatro, um ginásio¹⁶ e

¹⁴ Hoje apesar do evidente abandono, da destruição do cinema Cine-Lux e de outras intervenções como as do Rio Cidade (O Rio-Cidade consistiu em diversas intervenções urbanas nas vias mais importantes dos principais bairros cariocas. Foram realizadas obras de redimensionamento do sistema de escoamento das águas pluviais, de construção de galerias subterrâneas para a passagem de fios e cabos de telefone e energia elétrica, além da reforma de calçadas, retirada e substituição de postes, modernização da sinalização horizontal e vertical, plantio e replantio de árvores, renovação do piso asfáltico e de iluminação, remodelamento do mobiliário urbano de praças e calçadas), sua agradável e acolhedora morfologia urbana se mantém intacta. A estação ferroviária, as ruas e calçadas largas, os sobrados, as casas, as escolas, o teatro e os conjuntos habitacionais de Marechal Hermes são testemunhos dessas origens, presentes até hoje.

¹⁵ Período em que o CEPJA foi construído (Ginásio). A construção do Ginásio José Accioli, em 1948, e da Maternidade Alexandre Fleming, em 1956, não deixa dúvida de que durante todo este tempo foi mantido o princípio de produzir um bairro bem servido de infra-estrutura e serviços.

¹⁶ Ginásio Professor José Accioli.

uma maternidade, mantendo notavelmente as mesmas preocupações com a qualidade do espaço que vinha sendo produzido desde os tempos do Marechal-Presidente.

Em 1948, foi inaugurado o primeiro dos três conjuntos habitacionais do IPASE em Marechal Hermes, o Conjunto Comercial, um projeto de Carlos Frederico Ferreira, cuja intervenção pretendeu criar um novo núcleo de comércio e serviços para o bairro. Neste sentido, localizou o conjunto em terrenos na praça central, que no plano original estavam destinados para duas escolas primárias, e planejou o pavimento térreo dos três blocos de edifícios para lojas comerciais.

O segundo conjunto construído pelo IPASE em Marechal Hermes, inaugurado em 1949, foi o 3 de Outubro. Projeto do arquiteto Carlos H. Porto, resultou num conjunto de 14 blocos de 3 pavimentos, com 252 unidades, de 2 e 3 quartos com varanda e dependências de empregada.

O terceiro conjunto desta série foi inaugurado em 1954. Situado na divisa com o bairro de Bento Ribeiro é conhecido simplesmente como “do IPASE”. Está também mais distante da estação ferroviária e do centro comercial. Entre os três conjuntos residenciais este é o maior, possui dez blocos de apartamentos, com 360 unidades de dois quartos e apresenta um padrão mais modesto que os outros, não comportando varanda ou quarto de empregada¹⁷.

Dentre as obras e outras construções no bairro, ainda podemos destacar a presença de outras escolas públicas, como a Escola Técnica Estadual Visconde de Mauá (de 1912), a Escola Municipal Santos Dumont e a Escola Municipal Evangelina, o prédio da Paróquia Nossa Senhora das Graças, que data de 29 de junho de 1920, bem próxima ao Teatro Armando Gonzaga. Inicialmente teve São Paulo como seu padroeiro, mudando a titularidade para Nossa Senhora das Graças na celebração dos seus 25 anos de existência¹⁸. Outro destaque é o Cine Lux, prédio com uma estrutura inovadora, modernista, em forma de abóbada, bem no centro do bairro, apontado por alguns autores como o único cinema nesta forma, em toda a cidade.

¹⁷ Este conjunto habitacional é em frente ao CEPJA, moradia de alguns alunos e funcionários na atualidade. Serve como travessia diária de vários outros no caminho da escola.

¹⁸ Dados obtidos na Revista Agostiniana, edição comemorativa de setembro de 2004, Vicariato Nossa Senhora da Consolação do Brasil.

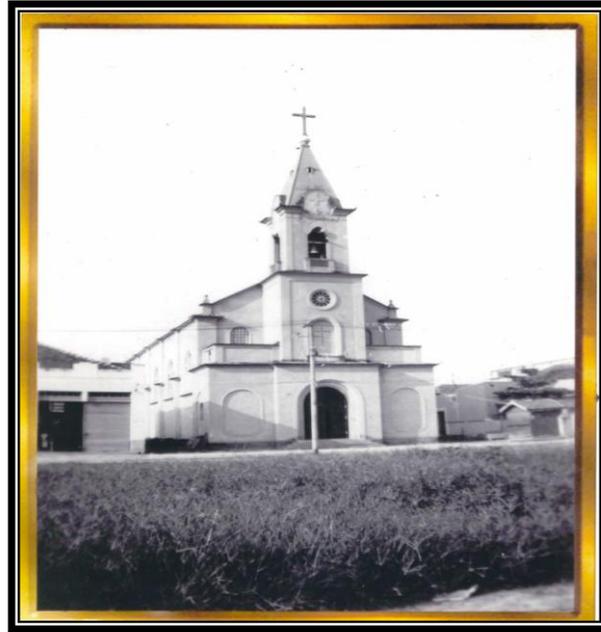


FIGURA 6 Paróquia de Nossa Senhora das Graças – localizada no centro do bairro de Marechal Hermes – (Fonte: Acervo da Associação Encontros Musicais).



FIGURA 7 – Fachada do Cine Lux, uma das opções de lazer que a Vila Proletária de Hermes desfrutava. (acervo da Associação Cultural Encontros Musicais de Marechal Hermes).

No bairro em questão temos, ainda, a Maternidade Alexandre Fleming e o Hospital Carlos Chagas, Unidades Hospitalares pertencentes ao Sistema Único de Saúde (SUS), que são responsáveis por boa parte dos atendimentos médicos da região até os dias de hoje.

Registramos, por último, a existência no local, por vários anos, da Fábrica Nacional de Vagões, uma entidade privada, constituída por capitais brasileiros, fundada em 1943 com a finalidade de oferecer uma solução nacional à fabricação de veículos ferroviários, cuja importação se tornara impossível em decorrência da Segunda Guerra Mundial. Cumprida essa finalidade, teve sua produção diversificada para grande variedade de produtos: veículos rodoviários, chassis, rodas para caminhões, ônibus e automóveis, prensados para a indústria em geral, recipientes para derivados de petróleo, rolos compressores, estruturas metálicas, etc.¹⁹



FIGURA 8 Foto de três operários da Fábrica Nacional de Vagões, que funcionava em Marechal Hermes, com galpão ao fundo estampando o nome da importante indústria. (Acervo da Associação Encontros Musicais de Marechal Hermes)

¹⁹ Informações contidas numa espécie de encarte, material confeccionado pela própria Fábrica com a finalidade de apresentação da FNV, sem data de impressão.



FIGURA 9 – Alguns operários da Fábrica Nacional de Vagões posam em frente ao vagão ferroviário que levava o nome do Presidente Dutra. (Acervo da Associação Encontros Musicais de Marechal Hermes).



FIGURA 10 Jogo de futebol nas imediações da FNV, time do FABRISA, entidade desportiva gerida pelos funcionários da FNV. Ao fundo do campo de futebol, avistamos uma roda gigante, no terreno onde, ainda hoje, há um clássico parque de diversões do bairro (Parque IV Centenário), parte integrante da história de muitas crianças, de diferentes gerações. Mais ao fundo, à esquerda da roda gigante, o majestoso prédio histórico da estação ferroviária. (Acervo da Associação Encontros Musicais de Marechal Hermes)

Nos destaques do bairro, apontamos também para o estádio de futebol “O Glorioso”, pertencente ao Clube do Botafogo de Futebol e Regatas, presente na localidade desde agosto de 1977, unindo a Zona Sul carioca ao subúrbio de Marechal Hermes.

1.2 - O cenário social brasileiro entre as décadas de 1950 e 1960

Sabemos que no segundo governo de Vargas, o setor social brasileiro ganhou impulso, uma vez que este governante procurou alcançar, através do progresso social ou do bem estar social, a chamada paz social. No campo da saúde procurou combater as doenças que atacavam a população brasileira, principalmente a população rural, como: doença de Chagas, malária, febre amarela, verminose, boubá, tracoma, tuberculose, além de estabelecer um plano de ação para erradicação das doenças venéreas. Hospitais foram criados e com eles toda uma política de proteção à maternidade e à infância. Foi o início de uma Educação Sanitária, onde até nos aeroportos passou-se a ter um processo de profilaxia e fiscalização.

No campo da previdência social foi criado o Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS), houve forte desempenho da Legião Brasileira de Assistência (LBA). O Serviço Social do Comércio (SESC) teve uma grande atuação junto aos comerciários. Registra-se também que, neste período, passou-se a efetuar o pagamento de benefícios como aposentadoria, pensões e auxílio doença, em nosso país. Tentando remediar a crise da habitação, algumas casas próprias foram construídas pelo governo.²⁰

Neste período metade das crianças em idade escolar estava fora da escola, faltavam professores habilitados, material didático e instituições escolares. Embora tenha sido um período em que mais se gastou com a educação, esses gastos não chegaram a atingir a quota constitucional estabelecida para este fim.

Nessa atmosfera, foi concebido o “Ginásio Municipal de Marechal Hermes”, origem primeira do Colégio Estadual Professor José Accioli. No próximo capítulo, começaremos a trilhar sua história e (re) descobrir seus caminhos, seus fazeres ao longo dos anos, enfim, seu estabelecimento enquanto instituição escolar até culminarmos em sua trajetória de vida enquanto instituição formadora de professores.

Na busca da identidade desta instituição, elegemos como categorias básicas de análise o estudo de sua origem, criação, construção e instalação do seu prédio (projeto, implantação,

²⁰ Em Marechal Hermes, no período histórico citado, fica muito claro a presença de cada um dos fatos narrados: a construção das moradias, inauguração do hospital no coração do bairro, construção de escolas, etc.

estilo e organização do espaço), o perfil de professores e alunos, o saber desenvolvido e a evolução do conhecimento e da sua vida (cultura escolar).

Acreditamos, apoiados nos textos de Werle (2004), que a história de vida de uma instituição escolar trabalha com o conceito de representação em três dimensões, na perspectiva da representação coletiva, naquela que a relaciona a ritos e símbolos, e na que a entende capaz de tornar presente o que está ausente.

Segundo esta autora os documentos, considerados no processo de acreditação são representações, simbolizações da instituição, articuladas às relações de poder, a seus valores, práticas e propostas pedagógicas. Também os ritos, as estórias, os brasões, os emblemas que adornam flâmulas, os distintivos, as bandeiras, os uniformes, as cores, os hinos são indícios que contribuem para presentificar a instituição. Desta forma, o conceito de representação é tomado como indício, signo ou sinal que funciona como manifestação de algo representado que não precisa diretamente ser comprovado, mostrado, para ser acreditado e compreendido (Chartier, 1996, p.84). Na fala de Chartier (1994):

[...]as representações coletivas que incorporam nos indivíduos as divisões do mundo social e estruturam os esquemas de percepção e apreciação a partir dos quais estes classificam, julgam e agem; em seguida, as formas de exibição do ser social ou do poder político tais como as revelam signos e “performances” simbólicas através da imagem, do rito ou daquilo que Weber chamava de “estilização de vida”; finalmente, a “presentificação” em um representante (individual ou coletivo, concreto ou abstrato) de uma identidade ou de um poder, dotado assim de continuidade e estabilidade (Chartier, 1994, p.108).

Assim, buscamos a história do CEPJA, passando também por suas representações e apropriações. Vale, ainda, mencionar Nóvoa, quando este lembra, com Foucault, que “a história é o que transforma os documentos em monumentos” (Foucault apud Nóvoa, 1998, p.39). E assim, nos documentos apontados pelos arquivos escolares, buscamos relacionar o ciclo de vida do colégio na tentativa de preservação de sua memória.

O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro [...] determinada imagem (Le Goff, 1990, p.548).

Na (re)construção dessa memória, Gatti Jr (2000) nos aponta que o caminho é a busca

da apreensão dos elementos que conferem identidade à instituição educacional, ou seja, daquilo que lhe confere um sentido único no cenário social do qual fez ou ainda faz parte, mesmo que ela tenha se transformado ao longo do tempo. É neste sentido que pretendemos caminhar. Buscar e apresentar dados que caracterizem esta instituição.

Hino do Colégio Estadual Professor José Accioli

O nosso segundo lar
É essa escola tão querida
Nos preparando para a vida
Aqui nós vimos estudar

Dos mestres nós recebemos
Tesouros de saber
Aqui nós aprendemos
Ao nosso Brasil querer

É pois nosso dever
Ao José Accioli honrar

O nosso lema é amar
A Deus
A pátria
E ao saber

CAPÍTULO 2

O COLÉGIO ESTADUAL PROFESSOR JOSÉ ACCIOLI, UMA VIDA A CONTAR...

No registro da história de vida dessa instituição, é imprescindível destacar que o material disponível, no Colégio, para consulta e pesquisa, era composto de alguns raros exemplares de Diários Oficiais²¹ (com o Decreto de criação da escola e a alteração de denominação), um pequeno histórico datilografado, com dados biográficos do Patrono da escola, sua inauguração, alteração de nome, informações sobre a composição da Caixa Escolar e uma Grade Curricular, algumas fotografias da época de criação e dos primeiros anos de funcionamento, e por último, todo um processo de tombamento patrimonial e cultural da cidade do Rio de Janeiro²². Fora disponibilizado, ainda, um material encadernado com a história do bairro de Marechal Hermes, realizado por um grupo de estudantes do colégio, no ano letivo de 2009²³.

A história do CEPJA começa a ser escrita durante o governo Vargas, no início da década de 1950, quando o projeto urbanístico do bairro de Marechal Hermes, datado do início do século XX, passou a ser concluído. Esta escola nos revela múltiplas facetas da educação: de instituição aplicada à formação geral passou, em momento mais recente de sua história, a realizar o curso de formação de professores. Entretanto, sua (co) existência com Escolas Normais de renome e tradição na cidade do Rio de Janeiro, como o Instituto de Educação, no bairro da Tijuca e o Colégio Estadual Carmela Dutra, em Madureira, pode ter deixado sua história um pouco “apagada” no tempo.

Sabemos que os áureos tempos da Escola Normal antecederam em muito a implantação do ensino normal do Colégio Estadual Professor José Accioli. Arriscaríamos dizer que quando as Escolas Normais se encontravam em franco declínio, é que este ensino foi implantado no CEPJA, pois nos anos 80, a carreira de professor primário já não era tão atraente para a sociedade e essas escolas, por sua vez, também, não possuíam mais o público seleteo que antes as procurava.

²¹ D.O de 26 de maio de 1954 – Publica a Resolução 08 de 24 de maio de 1954 que resolve dar a denominação de Ginásio Municipal Professor José Accioli ao estabelecimento de ensino secundário recém inaugurado em Marechal Hermes.

D.O de 05 de outubro de 1966 – Publica o Decreto 686, de 30 de setembro de 1966 que dá a denominação de Colégio Estadual Professor José Accioli ao Ginásio Municipal.

²² O CEPJA passou recentemente por processo de reconhecimento pelo Patrimônio Histórico e Cultural da cidade do Rio de Janeiro.

²³ No ano letivo de 2009, o trabalho de história do bairro foi fruto de proposta realizada por professora da disciplina Práticas Pedagógicas para o 4º ano do Ensino Médio Normal.

As Escolas Normais *tradicionais* de nossa cidade foram palco dos anos dourados da educação e se estabeleceram em circunstâncias bem distintas do CEPJA. Vivenciaram e fizeram história em uma época de valorização da profissão docente, conforme nos explica Martins (1996), em leitura de Motta (1979):

O professor deveria ser um profissional com consciência social, dotado de uma erudição científica e humanista de modo que pudesse promover uma mudança pedagógica e social para consolidar uma nova postura cívica e social. Seria uma espécie de arauto da cultura brasileira, aquele que estreitaria o elo entre a família, a escola e o Estado (Martins, 1996, p.102).

Aos nossos olhos, a formação docente realizada no Colégio Estadual Professor José Accioli não estabeleceu competição com as já denominadas Escolas Normais *tradicionais*, ao contrário, imprimiu um caráter diferente ao seu caminho, primeiramente imposto pela própria história e suas circunstâncias, como citamos anteriormente. Num segundo momento, consideramos que este caminhar foi inscrito com originalidade e distinção, ao longo dos anos de existência desta formação no Colégio, até mesmo quando, atualmente, sua qualidade parece ameaçada por não haver seletividade do público ingressante. Conforme depoimentos de docentes e declarações dos próprios discentes no decorrer desta pesquisa, o Ensino Normal do CEPJA consegue sobreviver e resistir²⁴, merecendo ser respeitado por todos.

Retomando a história, sabemos que o Ginásio Municipal de Marechal Hermes foi inaugurado em 19 de abril de 1954. Consta dos arquivos escolares a informação de que, em 24 de maio daquele mesmo ano, com a Resolução nº 08 do Prefeito do Distrito Federal, Dulcídio do Espírito Santo Cardoso, passou a chamar-se “Ginásio Municipal Professor José Accioli”, conforme constatamos na foto apresentada na figura 11, logo a seguir.

Seguindo sua trajetória histórica, no ano de 1966, após a criação do Estado da Guanabara sua denominação sofreu nova alteração para “Ginásio Estadual Professor José Accioli” (ver figura 12), para em seguida, precisamente em 30 de setembro de 1966, através do Decreto nº 686, do Governador Francisco Negrão de Lima, o estabelecimento transformar-se em “Colégio Estadual Professor José Accioli”. Nesse mesmo decreto, foi incluído, no currículo escolar, o segundo ciclo secundário científico, hoje ensino médio.

²⁴ Atualmente a Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro – SEEDUC/RJ realiza as matrículas de forma direta em toda a rede estadual de ensino, por telefone ou internet, sem a adoção de critérios de seletividade ou a realização de concurso público. Este fato gera um pouco de insatisfação no corpo docente e deixa evidente que boa parte do corpo discente não está no colégio por desejar ser professor, mas apenas por ter conseguido vaga nesta escola. Para cursar o Ensino Médio, após a inscrição para matrícula na rede estadual de ensino.



FIGURA 11 Foto da época em que o CEPJA foi denominado “Ginásio Municipal Professor José Accioli”

Com a promulgação da Lei nº 5692/71 e a valorização da formação técnica no Brasil, o Colégio ministrou também cursos técnicos em contabilidade, turismo, secretariado e construção civil até meados dos anos 80, juntamente com o Ensino Médio de Formação Geral, conforme apresentamos em várias grades curriculares nos anexos. Em 1985, restringiu-se à Formação Geral e passou a realizar também o Ensino Normal, permanecendo nessa estrutura até o ano de 2005, quando então passou a dedicar-se exclusivamente à Formação de Professores.



FIGURA 12 Foto de alunos na década de 1960, em moldura oficial, destacando o nome de “Ginásio Estadual”.

(Re) escrever essa história, após cinquenta e sete anos percorridos desde sua inauguração até os dias atuais, é um desafio proposto no resgate da memória e da identidade dessa instituição escolar.

Um arquivo ou a descoberta de novos registros que contenham informações sobre determinada instituição trazem sempre a expectativa da descoberta, a possibilidade de novos caminhos e podem até imprimir novos direcionamentos ao trabalho, apontando para novas interpretações. Para alguns autores, o arquivo é um nicho que contém não apenas registros e informações, mas também possibilita a sensação da descoberta real (Miguel, 2007, p.31).

Porém, pode-se ir mais além, no uso do arquivo escolar e na busca da compreensão e da explicação da existência histórica de uma instituição. Magalhães (1999) ressalta o arquivo escolar como fonte essencial, uma vez que a trajetória da instituição é construída “da(s) memória(s) para o arquivo e do arquivo para a memória” buscando-se integrar uma análise multidimensional desse itinerário. Porém, contrapondo-se à relevância e riqueza do material encontrado nestes arquivos, mostra-se preocupado com seu estado de guarda e conservação, muitas vezes sofríveis:

[...] Sede privilegiada de uma multiplicidade de ações humanas, pedagógicas, culturais, sociais, afetivas, produto de um cotidiano sempre reinventado, da instituição educativa não resta por vezes mais que um resíduo documental, irregularmente repartido no tempo e pouco representativo, nomeadamente no que se refere à riqueza do cotidiano escolar (Magalhães, 1998, p.75).

Por sua vez, Diana Vidal, com base em Pierre Nora (1993), destaca os arquivos como lugares de memória, locais de guarda dos acervos, mas ao mesmo tempo, “constantemente abertos a novas leituras acerca do passado e do presente” (2005, p. 40). Na perspectiva de sua utilização como fonte de pesquisa e de ensino para a compreensão da história da instituição escolar, o arquivo deixa de ser algo relegado ao esquecimento, a depósitos insalubres, ou mesmo de ser entendido como algo indesejado e inútil:

[...] integrado à vida da escola, o arquivo pode fornecer-lhe elementos para a reflexão sobre o passado da instituição, das pessoas que a frequentaram ou frequentam, das práticas que nela se produziram e, mesmo, sobre as relações que estabeleceu e estabelece com seu entorno (a cidade e a região na qual se insere) (Vidal, 2005, p.24).

Justino Magalhães (1999) defende que a abordagem dos processos de formação e de evolução das instituições educativas constitui um domínio do conhecimento historiográfico em renovação no quadro da História da Educação. Uma renovação onde novas formas de questionar-se cruzam com um alargamento das problemáticas e com uma sensibilidade acrescida à diversidade dos contextos e à especificidade dos modelos e práticas educativas, uma abordagem que permita a construção de um processo histórico que confira identidade às instituições educativas.

Compreender e explicar a existência histórica de uma instituição educativa é, sem deixar de integrá-la na realidade mais ampla que é o sistema educativo, contextualizá-la, implicando-a no quadro de evolução de uma comunidade e de uma região, é por fim sistematizar e (re) escrever-lhe o itinerário de vida na sua multidimensionalidade, conferindo um sentido histórico (Magalhães, 1999, p.64).

Vários autores da atualidade destacam as preocupações com a criação e o desenvolvimento (ciclo de vida) das instituições educativas, a arquitetura do prédio escolar, os docentes, os discentes e o saber veiculado nestas instituições de ensino. Busca-se, desta forma, a apreensão daqueles elementos que conferem identidade à instituição educacional, ou seja, daquilo que lhe confere um sentido único no cenário social do qual fez ou ainda faz parte, mesmo que ela tenha se transformado no decorrer dos tempos.

Segundo Gatti Jr. (2000), nesta nova forma de trabalhar com a produção do conhecimento histórico, valorizam-se não só os aportes teóricos utilizados na investigação, mas também o contato com as evidências de investigação, os chamados vestígios do passado,

que não se limitam aos documentos escritos, mas abrem-se também às fontes iconográficas, às fontes orais, entre outras; ou seja, o processo de construção de uma interpretação do passado se faz no diálogo necessário entre nossas idéias e concepções e os indícios que conseguimos agrupar para daí elaborar nossas interpretações²⁵. No CEPJA é necessário que as ações de preservação sejam estimuladas e adotadas.

2.1 - Dados biográficos do patrono



FIGURA 13 Busto do Prof^o José Accioli, existente no CEPJA, em exposição permanente no térreo do colégio.

A partir de informações contidas nos arquivos escolares, podemos tecer uma breve descrição do patrono do colégio. José Cavalcanti de Barros Accioli nasceu em Porto Alegre (RS), em 24 de abril de 1876 e faleceu, no Rio de Janeiro, em 26 de julho de 1938. Era parente do Marechal Floriano Peixoto e do Cardeal Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti.

Era um homem inteiramente devotado aos problemas do magistério e da educação. Amigo de Rui Barbosa, fato este constatado em algumas correspondências da época²⁶. Em 1917, fundou um colégio modelar, em Petrópolis, o Ginásio Petropolitano, com matrícula limitada de cinquenta alunos internos. O Ginásio Petropolitano teve uma existência de vinte

²⁵ Na linha deste raciocínio que proponho a (re) escrita da história do CEPJA.

²⁶ Encontramos o registro nos arquivos escolares de que o Prof José Accioli teria sido amigo de Rui Barbosa. E em visita à Fundação Casa de Rui Barbosa, no acervo de correspondências, constatamos a existência de alguns telegramas e outras cartas, no total de cinco correspondências pessoais, de autoria do Prof José Accioli enviadas à Rui Barbosa, distribuídas ao longo de 20 anos.

anos. José Cavalcanti de Barros Accioli se caracterizava por ser um educador enérgico. Foi também orador, acadêmico e no Colégio Pedro II professor catedrático de Latim.²⁷



FIGURA 14 Placa de homenagem ao professor José Accioli, do CPII – entrada da sala dos professores no CEPJA – “Homenagem do Colégio Pedro II ao emérito latinista e educador professor José Accioli - 1954”.

Viajou pela Europa, sempre dedicando-se aos estudos. Quando moço, tomou parte na Revolta da Armada, no Batalhão Acadêmico, sendo promovido por atos de bravura. Constan referências aos seus feitos no livro “História da Armada” de Felisbelo Freire.

No Colégio Pedro II assumiu suas funções em 1906, conforme foto a seguir do livro de posse.

²⁷ Consta dos arquivos escolares (CEPJA) a informação de que no Colégio Pedro II teria sido eleito, em Congregação, por unanimidade, o maior educador, ganhando o título de “O maior educador do Brasil”. Informação não constatada nas visitas que fizemos ao Núcleo de Documentação e Memória (NUDOM) daquela instituição, situado no Colégio Pedro II, Unidade Centro RJ.

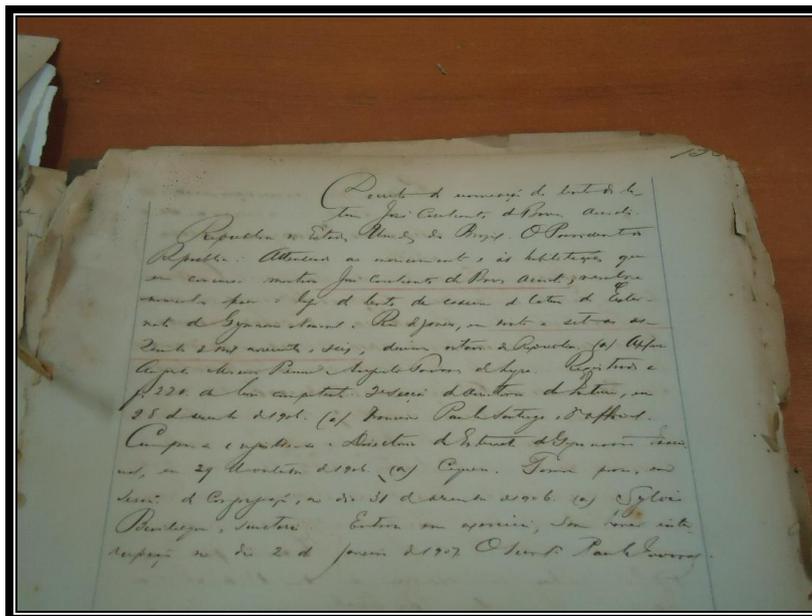


FIGURA 15 Livro original da posse do professor José Accioli no Colégio Pedro II. (Fonte: NUDOM/CPII)

Buscamos abaixo, nas palavras do ex-aluno do Colégio Pedro II, Fernando Segismundo (1987), caracterizar um pouco mais essa figura, nas transcrições constantes do livro *Memória de Estudante* (Segismundo, Fernando, 1987, p 52-53):

Accioli e o Maximalismo

Não fui aluno do professor Accioli - José Cavalcante de Barros Accioli -, mas conheci-o desde cedo. Residia em Petrópolis, onde mantinha um colégio para internos, e muito apreciava os espetáculos do Teatro Municipal. Vinha com sua mulher assisti-los na temporada lírica, principalmente. Naquele tempo era impossível subir a serra de trem, alta noite, e o casal dormia em nossa casa, na Av: Men de Sá.

Alto, magro e muito educado, Accioli falava pouco e parecia taciturno. Dele ouvi, em ano distante, uma dissertação sobre o maximalismo que jamais esquecerei. Era ao entardecer. O professor abriu uma janela da sala onde repousava, mirou o oitizeiro em frente e disse: - “Milhares de folhas compõem aquela árvore. Na aparência, são todas iguais. Entretanto examinadas com cuidado verifica-se que nenhuma tem o tamanho de outra. Somos assim os humanos. E como querem os maximalistas homogeneizar-nos?”

Ante a evidência do exemplo, os ingênuos circunstantes assentiram e o professor prosseguiu censurando o regime bolchevista. Muitas vezes achei-me próximo de Accioli nos corredores do Externato. Olhava-o admirativo e ele me correspondia complacente. Afável de trato, fruía da fama de reprovador. Transformava-se em sala de aula, impondo aos alunos maciços conhecimentos de Latim. Por seu gosto - assoalhavam -, ele inabilitaria a turma inteira e mais o bedel, de quebra.

Faleceu na década de 30. A última vez que lhe falei íamos de bonde para a zona sul. Era ostensivo seu abatimento físico. Deixou um discípulo ilustre, o Ministro do Supremo Tribunal Federal, Hahnemann Guimarães, homem de uma só devoção: Augusto Comte. Objetivo exclusivo de suas viagens a Paris: florir o túmulo do fundador do positivismo.

Ao longo dos anos em que trabalhou naquela instituição, consta em sua carreira uma punição, recebida pelo Ministro da Justiça²⁸. Sobre esta informação, segue descrito conteúdo dos relatórios do ano de 1920 e do Almanaque do Pessoal Docente e Administrativo do Colégio Pedro II, de 31 de dezembro de 1920.

Do relatório concernente a esse ano letivo, na Seção de Concursos, extrai-se a seguinte passagem:

Para examinadores do concurso de italiano foram primeiramente, eleitos pela Congregação os snrs. João Ribeiro, Eduardo Badaró, Honório Silvestre e Antenor Nascentes. Destes professores o único que não renunciou a esse encargo foi o Dr. Nascentes, que ainda faz parte da Comissão.

Em substituição dos snrs. João Ribeiro e Eduardo Badaró foram eleitos o professor José Accioli e o Padre Consolini.

Quanto à eleição do snr. José Accioli, que se achava então suspenso de suas funções, consultei o governo se deveria aceita-la como regular e lícita, aguardando, neste caso, que terminasse a pena administrativa imposta ao mesmo prof pelo Ministro da Justiça para se proceder ao exame prévio das theses apresentadas, ou se devia dar como irrita e nulla a votação que suffragou o nome deo snr. Accioli, convocando, quanto antes, o Corpo Docente Congregado para, em nova sessão, escolher regularmente outro examinador.

O snr. Presidente do Conselho Superior do Ensino, em resposta, declarou no officio n I, de 18 de janeiro, que o Governo determinava se cumprisse o de que era objecto a segunda parte da minha consulta.

Tendo tomado conhecimento dessa deliberação das altas autoridades do ensino, a Congregação reuniu-se no dia 20 de janeiro e elegeu o snr. Mario Romitti para funcionar no lugar do professor Accioli (...)²⁹

Relatório do ano de 1920 - CP II (p. 21-22).

Já do Almanaque número 1, do Pessoal Docente e Administrativo do Colégio Pedro II, que tem por referência a data de até 31 de dezembro de 1920, transcrevo a seguinte anotação relevante:

JOSÉ CAVALCANTI DE BARROS ACCIOLI. Bacharel em Sciencias Jurídicas e Sociaes. Lente de Latim do Ext. do Gym. Nac. em 27-12-1906, Posse em 31. Já estava em exercício interino do cargo desde 1-9-1903. Prestou concurso. Foi suspenso por 30 dias com perda de vencimentos em portaria de 24-12-1920 do Minist. da Justiça. Tem 10% de additionaes por ter completado 15 annos de effect. exerc. Em 25-9-1918 (dec. de 5-2-1919).

No CEPJA temos a informação de que morreu cercado por seus discípulos, tendo deixado, num envelope, suas últimas vontades, que foram: “desejo ser enterrado de maneira simples, como deve ser simples toda atividade alicerçada à Educação”. Junto às suas últimas

²⁸ O Ministério da Educação foi criado em 1930, logo após a chegada de Getúlio Vargas ao poder. Com o nome de Ministério da Educação e Saúde Pública, a instituição desenvolvia atividades pertinentes a vários ministérios como saúde, esporte, educação e meio ambiente. Até então, os assuntos ligados à educação eram tratados pelo Departamento Nacional do Ensino, ligado ao Ministério da Justiça, por este motivo sua punição ter sido aplicada pelo Ministro da Justiça.

²⁹ Trecho em cópia fiel do documento citado, inclusive respeitando-se a grafia original, da época.

vontades foi encontrado um pensamento de Cícero: “O esplendor da riqueza e da beleza é fugidio e pouco durável; não pertence senão à virtude, torna-se célebre e imortal”³⁰.

2.2 - A arquitetura do prédio

A leitura histórica e tipológica da produção arquitetônica oficial das edificações escolares do Rio de Janeiro, assim como sua relação com as políticas educacionais são definidas numa ordenação, conforme sua criação: Escolas do Império, Ecletismo Republicano, Estilo Neocolonial, Modernismo Republicano e Prédios reciclados³¹.

O Modernismo Republicano

Anísio Teixeira assumiu a Diretoria de Instrução Pública do Distrito Federal em 1931, nomeado pelo Prefeito Pedro Ernesto, com o objetivo de dar continuidade à reforma educacional iniciada por seus antecessores – Carneiro Leão e Fernando de Azevedo, todos integrantes do movimento denominado Escola Nova.

Anísio imprimiu ritmo próprio e inovador em suas ações. Reformulou o sistema de ensino como um todo, do Jardim de Infância à Universidade. Na base desse sistema, a escola primária deveria oferecer uma educação integral, formadora da inteligência e do caráter, a partir de experiências reais, para uma aprendizagem ajustada ao meio dinâmico da vida. Ao lado da qualidade, Anísio buscou a universalização do acesso à escola, para realizar a “educação em massa”, a “máquina de preparação para a democracia”.

Para Anísio, a preparação do espaço escolar estava no princípio da reforma educacional. Assim sendo, a Divisão de Prédios e Aparelhamentos Escolares, composta pelos arquitetos Enéas Trigueira Silva, na direção, Wladimir Alves de Souza, Paulo Camargo e Raul Penna Firme, entre outros, traçou um plano de edificações escolares, prevendo, ao mesmo tempo, a distribuição geográfica, para atender a toda população, e o modelo do edifício, para comportar a execução do plano de ensino.

O projeto arquitetônico dessas escolas trouxe novamente modelos europeus, embora contemporâneos, com influência do art déco protomoderno. As principais características dessas construções são: a articulação dos volumes geometrizados e simplificados; a sucessão de superfícies curvas; a composição com linhas e planos verticais e horizontais, fortemente

³⁰ Transcrição extraída de pequeno histórico datilografado, constante dos arquivos escolares sobre a história do patrono.

³¹ Observamos a ordenação adotada pelos arquitetos da Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, como Rachel Esther Sisson, Gerônimo Emílio de Almeida Leitão e Sonia Maria Gonçalves Neder, além dos trabalhos acadêmicos de Dorise Ehrlich e Célia Rozângela Dantas Dórea, todos citados em obra constante do acervo do Centro de Referência da Educação Pública do Município do Rio de Janeiro.

definidos e contrastados; a estrutura em concreto armado; o uso de materiais nobres (mármore) e as janelas em basculantes.

O Colégio Estadual Professor José Accioli representa o início do modernismo na cidade do Rio de Janeiro, com alguns traços do racionalismo e das expressões plásticas geométricas em linhas retas. Erguido sobre um platô cinco metros acima do nível da rua, o prédio exibe os pilares, os elementos vazados, o brise-soleil e a cobertura em shed, que marcaram o modernismo arquitetônico.

Em 1936, a construção do edifício sede do Ministério da Educação e Saúde Pública, no Rio de Janeiro, consagrou a corrente chamada Escola carioca da Arquitetura Moderna Brasileira, tendo à frente o arquiteto e professor Lucio Costa, e um grupo formado, entre outros, por Affonso Eduardo Reidy e Oscar Niemeyer. O projeto foi o primeiro em grande escala a aplicar os pontos postulados pela vanguarda arquitetônica de Le Corbusier: planta livre, pilotis, teto-jardim e aberturas horizontais. Foi também o primeiro edifício a utilizar a cortina de vidro e os quebra-sóis móveis. No CEPJA, Eduardo Reidy imprimiu novamente os mesmo traços do referido estilo arquitetônico, ilustrado na fotografia a seguir:



FIGURA 16 – Fachada do Colégio, destacando o estilo arquitetônico comum no período de criação.

Durante o regime democrático, que se instalou entre a queda do Estado Novo (1945) e o Golpe Militar de 1964, o sistema educacional brasileiro se expandiu para atender as necessidades da crescente sociedade urbano-industrial. Nos anos 50, os projetos arquitetônicos dos prédios escolares podem ser “considerados um paradigma das questões e propostas da escola progressista de Anísio Teixeira e de como a arquitetura assume, em si, uma função pedagógica”. (Ehrlich, Dorise, 2002)

2.3 - Formação Geral e Formação de Professores: anos de (co) existência

De 1954 até 1966, o colégio funcionou apenas como o então Ginásio Municipal Professor José Accioli, consolidado nos moldes da Educação Nova, pela qual os intelectuais da educação vinham lutando, desde a década de 20. Essa luta se traduziu, do ponto de vista político, na reivindicação pela obrigatoriedade de o Estado oferecer escolas gratuitas para todos.

Nesse sentido, os pioneiros da Educação Nova foram militantes políticos no aparelho de Estado e na criação de entidades de educadores. Do ponto de vista pedagógico, a luta dos pioneiros se traduziu na proposição de um novo modelo de escolas, que valorizava a democratização das relações entre professor e aluno, portanto, métodos novos e participativos. Essas propostas pedagógicas se fizeram presentes na escola pública de maneira mais evidente nas experiências educacionais que foram desenvolvidas nos anos 60 (classes experimentais, ginásios vocacionais e colégios de aplicação).

Em 1966, com a determinação, por Decreto, do governador do Estado da Guanabara, o Ginásio Estadual Professor José Accioli passou a receber também o 2º ciclo secundário científico. Essa estrutura foi mantida por quase vinte anos, até instituir-se também a Formação do Ensino Normal.

A formação do professor primário no nosso país, pelas escolas normais, data do século XIX. No momento em que havia difusão dos ideais liberais, questionando o Império e defendendo o individualismo, a propriedade, a igualdade, bem como a expansão do ensino primário. Esta interdependência se revelava, no entanto, somente no aspecto quantitativo.

A Escola Normal no Brasil se ampliou gradativamente no século 20, mas longe de atender à demanda. A partir de 1930, o país passou por profundas transformações político-econômicas e sociais. Com a crise internacional da economia, a sociedade, que era pautada no modelo agrário rural, passa a ser urbano-industrial, configurando a aceleração do capitalismo industrial. O avanço do capitalismo, introduzindo novas formas de produção, gera a

necessidade de que os operários tenham cada vez mais um mínimo de instrução (e qualificação) para operar as máquinas.

A formação de núcleos urbanos, por sua vez, reclama uma escolaridade mínima da população, para que esta esteja em condições de competir no mercado de trabalho, ou para que adquira condições de sobreviver na própria cidade, bem mais complexa do que a sobrevivência no campo. As possibilidades que a escolaridade mínima podem abrir para o trabalho autônomo ou não nas atividades, próprias do desenvolvimento urbano³² passam a ser desejadas pela população.

O processo de industrialização brasileiro atingiu seu ápice na década de 60, seja com o desenvolvimento da indústria nacional, seja com a posterior ênfase no capital estrangeiro. Nessa sociedade, com o desenvolvimento econômico configurado, a educação escolar atua como coadjuvante imprescindível, fazendo-se urgente que ocorressem investimentos governamentais na área.

Por outro lado, ligada e decorrente do capitalismo industrial, acentua-se a demanda da população trabalhadora por escolas - reconhece-se nelas um fator de ascensão social. A população se organiza e reivindica escola, na medida em que esta é condição de acesso ao mercado de trabalho e, portanto, de sobrevivência. A reivindicação popular pela escola é grande.

Nos anos da ditadura Vargas (1937 a 1945), o modelo político populista organiza o sistema de ensino no País (Leis Orgânicas), que antes era definido de modo diferente em cada Estado. É um governo que possíveis desestabilizadores sociais (anseios do povo), e amplia a oferta de escolas. Após 1946 e até o golpe de 1964, a resposta política à ampliação de escolas sempre esteve presente, na medida em que, enquanto anseio popular, constituiu-se em fator de voto.

No contexto das promulgações legislativas, o Decreto-lei nº. 8.530/1946, impõe a Lei Orgânica do Ensino Normal, assinada após o final da ditadura Vargas, regulamentando nacionalmente uma uniformidade na formação de professores. Esta uniformidade estabelecida pode ser explicada pelo conceito de normalização, um determinismo cultural que pesa sobre o conhecimento, instaurado desde o nascimento, com o selo da cultura, primeiro familiar e depois escolar, prosseguindo na universidade ou na profissão.

³² É interessante observar que esses fatores, dentre outros, impulsionarão o Estado brasileiro a organizar, de forma única e centralizada, a educação no País - o que ocorrerá com as Leis Orgânicas do Ensino - 42 a 46 - ,definindo claramente o ensino profissionalizante.

Com a Constituição Federal de 1946, é retomada no país uma orientação descentralizadora e liberal. Entretanto, a grande maioria dos Estados, embora livres para regulamentar o seu ensino primário e normal, tomou a Lei Orgânica como modelo para o seu sistema de formação de professores, consolidando a já citada uniformidade de formação.

Durante o regime militar era fundamental à estabilidade político-econômica dominar as massas e frear a educação com seu potencial transformador. Aos poucos a legislação, que tratava das questões educativas satisfatoriamente, foi sendo substituída, baseada nos Atos Institucionais, por currículos, programas e disciplinas escolares rígidas, utilizando-se de coerções e imposições que dificultavam o pensamento que pudesse levar a contestação e ao desejo de mudanças.

Pode-se dizer que com a Lei nº 5.692/71, desapareceram as denominações Escola Normal e Instituto de Educação e instituiu-se a Habilitação ao Magistério. Incluída na Reforma do 2º Grau, a formação de professores passou a se dar após o aluno ter cursado as disciplinas do Núcleo Comum (Formação Geral), o que acontecia basicamente em um ano, após o que, optando pela Habilitação ao Magistério, o aluno cursava as disciplinas profissionalizantes em mais dois ou três anos. No caso de três anos, estariam aí incluídas as especializações em pré-escola, deficientes, alfabetização, literatura infantil, etc.

Nessa perspectiva, a Lei nº 5.692/71 deu um novo aspecto formal-legal ao curso³³, onde algumas características marcaram a Habilitação ao Magistério:

- passou a ser uma habilitação a mais no 2º Grau, sem identidade própria;
- apresentou-se esvaziada em conteúdo, pois não respondia nem a uma formação geral adequada nem a uma formação pedagógica consistente;
- foi considerada uma habilitação de "2ª categoria", para onde se dirigiam os alunos com menos possibilidade de fazer cursos com mais "status";
- a disciplina "Fundamentos da Educação" não fundamentava. Comprimia os aspectos sociológicos, históricos, filosóficos, psicológicos e biológicos da educação, o que na prática se traduziu em "ensinar-se" superficialmente tudo e/ou apenas um aspecto;
- o estágio mantinha-se definido como: observação, participação e regência. Dessa forma, apresentava vários problemas: na maioria das vezes não era realizado; sendo utilizado como desculpa para fechar as Habilitações ao Magistério no período noturno, com o argumento de que o aluno deste turno não poderia estagiar - o que configurou um processo de elitização do

³³ Numa rápida retrospectiva, Pimenta (1992) evidencia os inúmeros avanços e retrocessos da formação docente no Brasil.

curso; além de ter sido interpretado como a "prática salvadora", onde tudo deveria ser aprendido;

- não havia qualquer articulação didática e de conteúdo entre as disciplinas do Núcleo Comum e as da parte profissionalizante nem entre estas.

Como dito anteriormente, nos anos de 1970, com a promulgação da Lei nº 5.692/71 o Colégio Estadual Professor José Accioli passou a ter em seus bancos escolares os alunos dos cursos técnicos, além da Formação Geral. A formação de professores passou a existir apenas a partir de 1984, com a publicação das Resoluções nº 1022, de 29 de outubro de 1984 e a de nº1040, de 16 de Janeiro de 1985 que reformulou a anterior, instituindo o curso de formação de professores no CEPJA, após o encerramento do ciclo de Formação Técnica.

Em vinte e sete anos de história (1984-2011), a formação oferecida no Colégio preocupou-se em desenvolver um trabalho de cunho social, que buscasse a valorização do homem e da educação na sociedade.

2.4 - CEPJA como instituição formadora de professores

Desde 1984 o CEPJA instituiu-se como formação de professores, em nível médio, modalidade Normal. Já são mais de 25 anos nesta estrada e faz-se necessário registrar alguns pontos a mais nesta história que estamos narrando.

No ano letivo em que foi implementada a formação de professores, tínhamos na Direção Geral do colégio a professora Dilma Ignez Cardoso. A professora Dilma teve um mandato com duração de 10 anos, permanecendo na direção do colégio de 1978 até 1988.

Consta do Livro de Registros do colégio que a primeira turma do curso de formação de professores formou-se ao término do ano letivo de 1986. Àquela época, o curso normal tinha duração de três anos e destinava-se a formar professores das séries iniciais do Ensino Fundamental (antigo 1º grau).

O currículo estava organizado linearmente, como apresentado na grade curricular a seguir, aprovada em 1980 e vigente nos primeiros anos de funcionamento do curso.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO							
DENOMINAÇÃO DE ENSINO DE 2º GRAU							
CURSO ESTADUAL PROFESSOR JOSÉ ACCIOLI							
COSTA FILHO, 500 - MARECHAL HERMES - RIO DE JANEIRO							
HISTÓRICO ESCOLAR							
CURSO: FORMAÇÃO DE PROFESSORES				CURRÍCULO APROVADO: 440/80			
NACIONALIDADE: _____							
RAÇA: _____							
CIDADO/A EM: _____		MUNICÍPIO: _____		ESTADO: _____			
CURSO CONCLUÍDO EM: _____		NO ESTABELECIMENTO: _____					
COMPONENTES CURRICULARES	CARGA HORÁRIA SEMANAL			TOTAL	GRAUS/MENÇÕES		
	1ª S.	2ª S.	3ª S.		1ª S.	2ª S.	3ª S.
					198	198	198
Língua Portuguesa e Literatura Brasileira	4	4	4	432			
Língua Estrangeira/Inglês	2	2	-	144			
Matemática	2	-	-	72			
Geografia	2	-	-	72			
História Social e Política do Brasil	2	-	-	72			
Ciências Físicas e Biológicas	6	-	-	216			
Música	4	3	2	324			
TOTAL	22	9	6	1332	-	-	-
Educação Física	2	2	2	216			
Filosofia	-	-	2	72			
Educação Moral e Cívica	2	-	-	72			
Introdução às Estatísticas de Educação	-	-	2	72			
Metodologia de Estudo e Organização do Trabalho Intelectual	2	-	-	72			
Programas de Saúde	-	-	2	72			
Educação Artística	2	2	-	144			
Psicologia	2	-	-	72			
Sociologia	-	2	-	72			
Fundamentos da Educação	-	3	3	216			
Estrutura e Funcionamento do Ensino de 2º Grau	-	-	2	72			
Didática Geral	2	3	3	288			
Técnicas Supervisionadas	2	4	4	360			
Língua Portuguesa e Literatura Infantil/ Juvenil e Metodologia	-	2	2	144			
Matemática/Conteúdo e Metodologia	-	2	2	144			
Ciências/Conteúdo e Metodologia	-	2	2	144			
Ciências Sociais/Conteúdo e Metodologia	-	2	2	144			
Alfabetização/Metodologia	-	2	2	144			
TOTAL	14	26	30	2520	-	-	-
ATIVIDADES							
Orientação Educacional	P	P	P	-	-	-	-
Educação Religiosa	P	P	P	-	-	-	-
TOTAL GERAL	36	35	36	3852	-	-	-

FIGURA 17 Grade curricular do Curso de Formação de Professores – CEPJA – Currículo aprovado: 440/80

Conhecemos currículo escrito, currículo como fato, currículo como prática, currículo como atividade e sabemos que estas são algumas entre as várias denominações e concepções atribuídas ao termo. Goodson (1995), porém, indica que a luta em definir o que é currículo termina por caracterizá-lo como sendo a invenção de uma tradição. Baseado em Hobsbawn e

Ranger (1984), Goodson (1995) considera que o termo “tradição inventada significa um conjunto de práticas e ritos: práticas normalmente regidas por normas expressas ou tacitamente aceitas; ritos - ou natureza simbólica - que procuram fazer circular certos valores e normas de comportamento mediante repetição, que automaticamente implica em continuidade com o passado. De fato, onde é possível, o que tais práticas e ritos buscam é estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado”.

Desse modo, subentendemos que o que chamamos por currículo e por disciplina/matéria escolar nem sempre teve a compreensão que contemporaneamente lhes atribuímos. Com o objetivo de rever brevemente a história da compreensão conceitual de currículo e disciplina escolar, revisemos alguns conceitos atribuídos a tais termos. O termo currículo advém da palavra latina *scurrere*, que pode ser traduzida como correr, referindo-se a curso a ser seguido, mais especificamente a ser apresentado (Goodson, 1995). Provavelmente a compreensão mais antiga do termo currículo seja a que foi encontrada em fontes da Universidade de Glasgow, na Escócia em 1663, que lhe atribui o significado de atestado de graduação outorgado a um mestre dessa instituição de ensino (Goodson, 1995).

Na atualidade, num sentido mais corrente, o currículo passa a ser compreendido como um conjunto daquilo que se ensina e daquilo que se aprende, tendo como referência alguma ordem de progressão, podendo referir-se para além do que está escrito/prescrito oficialmente (Forquin, 1996).

O currículo pode também ser considerado como um processo informal de interação entre aquilo que é deliberado, o que é interpretado e o que é efetivado, às vezes de maneira transformada ou até mesmo subvertida (Goodson, 1995).

No CEPJA, nos anos de 1990, há o registro de uma nova grade curricular para o curso de formação de professores. Neste período, Isnard da Costa Araújo assumia a Direção Geral do colégio, permanecendo no cargo por apenas dois anos (até 1992).

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
COORDENAÇÃO DE ENSINO DO 2º GRAU
COLÉGIO ESTADUAL PROFESSOR JOSÉ ACCIOLI
Rua Costa Filho, 500 - Marechal Hermes - Rio de Janeiro

HISTÓRICO ESCOLAR

CURSO: FORMAÇÃO DE PROFESSORES Currículo Aprovado: Parecer 023/90
Nome: _____ Nacionalidade: _____
Filiação: _____
Nascido(a) em: ____/____/____ Mun: _____ Est: _____
1º Grau Concluído Em: ____/____/91 No Estabelecimento: _____

COMPONENTES CURRICULARES	Carga Horária Semanal			TOTAL	Graus / Menções		
	1ª S 19	2ª S 19	3ª S 19		1ª S 19	2ª S 19	3ª S 19
L. Portuguesa / Conteúdo e Metodologia	4	4	4	432			
Literatura / Conteúdo e Metodologia	2	2	-	144			
Matemática / Conteúdo e Metodologia	6	4	4	504			
Geografia	2	2	-	144			
História	2	2	-	144			
Intr. às Ciências Sociais / Cont. e Metod.	-	-	4	144			
Biologia / Programa de Saúde	2	2	-	144			
Física	2	-	-	072			
Química	2	-	-	072			
Ciências / Conteúdo e Metodologia	-	-	2	072			
Língua. Estrangeira — Inglês	2	-	-	072			
— Espanhol	2	-	-	072			
Ed. Física / Conteúdo e Metodologia	2	2	2	216			
Ed. Artística / Conteúdo e Metodologia	2	2	2	216			
Fundamentos	— Filosofia	-	2	144			
	— Psicologia	-	2	144			
	— Sociologia	-	1	108			
Estr. e Fundamento do Ensino de 1º Grau	-	-	2	072			
Didática	2	3	4	324			
Ensino Religioso *	-	1	-	036			
Estágio Supervisionado	2	6	6	504			
TOTAL GERAL	1224	1260	1296	3780	-	-	-
1ª Série:							
2ª Série:							
3ª Série:							

OBS: * Facultativo para o Aluno

DIRETOR

SECRETARIA

Em ____/____/____

FIGURA 18 Grade curricular de 1990 – segunda em vigor para o curso de formação de professores do CEPJA.

Observa-se uma pequena redução de carga horária da primeira para a segunda versão curricular do curso: a exclusão da disciplina de Organização Social e Política (OSPB); o aumento da carga horária de História e Geografia; a mudança de nomenclatura de algumas disciplinas; a inserção de novos componentes curriculares e uma maior carga de Estágio Supervisionado.

Com o suceder dos anos e após a aprovação da LDB 9394/96, o Curso Normal passa por uma nova reorientação, numa busca de nova identidade e demarcação de território, sob a ameaça dos concorrentes Institutos Superiores de Educação, proposta oriunda desta Lei.

O currículo tem significados que vão muito além daqueles aos quais as teorias tradicionais nos confinaram. O currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia, nossa vida, curriculum vitae: no currículo se forja nossa identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade (Silva, 2004, p.150).

Entendemos que o currículo representa realmente a identidade do curso. Compartilhamos da visão de currículo como a abrangência maior para além dos conteúdos, para além da fragmentação das disciplinas, para além dos muros escolares. Entretanto por limitações no tempo disponível para a realização da pesquisa, não foi possível aprofundar essa reflexão, restringindo esta parte do estudo à apresentação das diferentes grades curriculares adotadas pelo curso de formação de professores do CEPJA e às mudanças visíveis ocorridas entre elas.

Para Goodson (1995), a história do currículo deve estar centrada na história social, ou ainda, na epistemologia social do conhecimento escolar, preocupada com os determinantes sociais e políticos desse conhecimento, pois o currículo não se constitui de conhecimentos válidos, mas de conhecimentos considerados socialmente válidos.

Dando continuidade ao levantamento da evolução do curso, foi possível constatar mais uma grade curricular, com a inserção de outras mudanças, executadas a partir do início do ano letivo de 2001 (próxima figura).

A principal mudança desta versão curricular foi o acréscimo de mais um ano ao Curso de Formação de Professores – mais de 1000 horas ao total do currículo; maior carga horária disponível para as disciplinas pedagógicas e afins; valorização da Didática, subdivida nas Didáticas da Educação Infantil, do Ensino Fundamental, da Educação Especial, da Educação de Jovens e Adultos, enfim, fica evidente uma maior ênfase na formação docente e nas disciplinas referentes à profissionalização.

Após a promulgação da LDB supracitada, muito se discutiu, em nosso país, sobre a validade e a viabilidade do Curso de Formação de Professores em nível médio, na modalidade Normal. Em vários desses discursos admitiu-se que tal curso beirava a extinção, chegamos a pensar que não mais seria possível realizar a formação de professores nesta modalidade de ensino. Entretanto, divergindo do que apresentava o senso comum, este ensino sobreviveu ao final do século XX e emplacou o século XXI marcando sua forte presença no meio

educacional.³⁴

 Colégio Estadual Professor José Accioli Rua Costa Filho, 500 – Tel.: 3390-6255 Criado pelo Decreto n.º 686 de 30/09/66													
GRADE CURRICULAR													
Curso: FORMAÇÃO DE PROFESSORES – NORMAL						Currículo Aprovado: Resolução SEE Nº 2353 DE 28/12/2000							
B A S E N A C I O N A L C O M U M	Áreas do Conhecimento	Componentes Curriculares	Carga Horária Semanal				Carga Horária Anual (40 semanas)				Total		
			1ª	2ª	3ª	4ª	1ª	2ª	3ª	4ª			
L I N G U A G E N S, C Ó D I G O S E S U A S T E C N O L O G I A S	LÍNGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS	LÍNGUA PORTUGUESA	04	04	02	02	160	160	80	80	480		
		ARTES	02	02	--	02	80	80	--	80	240		
		EDUCAÇÃO FÍSICA	02	02	02	--	80	80	80	--	240		
	CIÊNCIAS DA NATUREZA, MATEMÁTICA E SUAS TECNOLOGIAS	MATEMÁTICA	04	02	02	02	160	80	80	80	400		
		QUÍMICA	02	--	--	--	80	--	--	--	80		
		FÍSICA	02	--	--	--	80	--	--	--	80		
	CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS	BIOLOGIA	02	--	--	--	80	--	--	--	80		
		HISTÓRIA	02	02	--	--	80	80	--	--	160		
		GEOGRAFIA	02	02	--	--	80	80	--	--	160		
	C O M U M	SOCILOGIA	SOCIOLOGIA	--	02	02	--	--	80	80	--	160	
			FILOSOFIA	02	02	--	--	80	80	--	--	160	
			LÍNGUA ESTRANGEIRA (INGLÊS)	02	02	--	--	80	80	--	--	160	
			PROJETO POLÍT.PEDAG.-Ênfase definida	02	--	--	02	80	--	--	80	160	
	P A R T E D I V E R S I F I C A D A	CIÊNCIAS FÍSICAS E DA NATUREZA	HISTÓRIA E FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO	--	--	02	--	--	--	80	--	80	
SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO			--	--	--	02	--	--	--	80	80		
ENSINO RELIGIOSO (*)			--	--	--	--	--	--	--	--	--		
SUB TOTAL			28	20	12	12	1120	800	480	480	2880		
F O R M A T O R I O N A L			POLÍTICA EDUCACIONAL E ORGANIZAÇÃO SIST. ENSINO	DIDÁTICA DO ENSINO FUNDAMENTAL	--	02	02	02	--	80	80	80	240
				DIDÁTICA DA EDUCAÇÃO INFANTIL	--	--	02	02	--	--	80	80	160
	PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO -Abordagens Psico-sócio-ling	--		--	02	02	--	--	80	80	160		
	PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO	--		02	02	--	--	80	80	--	160		
	Ênfase na Formação	DIDÁTICA EDUC. JOVENS E ADULTOS		--	--	02	--	--	--	80	--	80	
	DIDÁTICA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL	--	--	--	02	--	--	--	80	80			
	DIDÁTICA DA EDUCAÇÃO INDÍGENA												
L	CARGA HORÁRIA	PRÁTICAS PEDAGÓGICAS / INICIAÇÃO À PESQUISA	02	06	08	08	80	240	320	320	960		
			30	30	30	30	1200	1200	1200	1200	4800		

(*) Poderá ser ministrado em horário complementar, de acordo com a opção do aluno.
Rio de Janeiro, ___/___/___

DIRETOR

SECRETÁRIO

FIGURA 19 Grade Curricular de 28/12/2000 – ampliou a duração do curso de Formação de Professores para 4 anos.

³⁴ No site do Governo do Estado do Rio de Janeiro, acessado em 22 de Fevereiro de 2011, constatamos a informação: “Ícone nas décadas de 1950 e 1960, o tradicional Curso Normal (Formação de Professores) ainda tem procura expressiva na rede estadual de ensino. No processo de matrícula mais recente, todas as vagas ofertadas pela Secretaria de Estado de Educação para a 1ª série do Normal foram preenchidas.”



FIGURA 20 Foto da placa comemorativa dos 50 anos do CEPJA – 1954 - 2004

Em 2004, o colégio comemorou seus 50 anos de existência, fato ilustrado na foto acima. Em seguida, no ano de 2009, foi a vez de comemorar-se os 25 anos de formação de professores no CEPJA. Das atividades comemorativas, ficou a lembrança eternizada na placa localizada no colégio, conforme foto apresentada a seguir.



FIGURA 21 Foto da placa alusiva aos 25 anos do Curso de Formação de professores no CEPJA (Jubileu de Prata)

Nos anos de realização desta pesquisa (2010 e 2011) o ensino Normal do CEPJA mantém-se organizado em séries – quatro ou três anos – de acordo com a versão curricular (grade de 2001 ou 2010) e as avaliações são bimestrais. A média exigida para aprovação nas diferentes disciplinas é 5,0 (cinco vírgula zero), admitindo-se ao aluno ficar em dependência de uma série para outra em até duas disciplinas, exceto na série final, que acarretaria em reprovação. Em cumprimento à Portaria 48/2004, da SEEDUC-RJ, cada disciplina deve oferecer o mínimo de três instrumentos avaliativos em cada bimestre para aferir seus resultados.

Bimestralmente existe no colégio a realização da Avaliação Integrada (AI), onde os alunos são submetidos a um exame que contempla questões de diversas (quase todas) disciplinas de sua série. Esta nota (do AI) contribui com metade do total dos pontos da nota bimestral (5,0), restando a cada disciplina, de forma isolada, a metade restante deste valor (5,0) para ser atingido em sala de aula, com outros instrumentos de avaliação, de livre escolha de cada docente.

Há no Colégio a máxima preocupação em ser "... Uma instituição de ensino que faz a EDUCAÇÃO com sensibilidade e compromisso social..." (slogan difundido no colégio por muitos de seus integrantes). E neste sentido que são estabelecidas as ações pedagógicas, no processo ensino aprendizagem.

A disciplina Práticas Pedagógicas e Iniciação à Pesquisa vem realizando um trabalho pedagógico diferente: há registro oral, nas diferentes instâncias, de que a prática do estágio supervisionado "in loco" deixou de ser realizada por entraves burocráticos e outras exigências, como a de adoção do seguro pessoal para os alunos, o que dificulta sobremaneira esta realização.

Assim, buscando contornar a ausência do estágio supervisionado e suprir, de alguma forma, as necessidades da vivência pedagógica que seria experimentada pelos alunos nessas diferentes ocasiões, os profissionais dirigentes e o corpo docente tem oferecido uma série de atividades e laboratórios que buscam proporcionar a troca de experiências, a simulação de regências de turma, a valorização cultural, estimulando e promovendo o acesso aos diferentes meios de cultura, por parcerias estabelecidas, visitas entre escolas e outros projetos que visam enriquecer as atividades curriculares.

 Colégio Estadual Professor José Accion Rua Costa Filho, 500 – Tel.: 3390-6255 - Criado pelo Decreto n.º 686 de 30/09/66 HISTÓRICO ESCOLAR													
Curso: NORMAL			Currículo Aprovado: RESOLUÇÃO SEEDUC N° 4376 de 18/12 2009										
Nome:			Nacionalidade:			Naturalidade:			Estado:				
Filiação:			Estabelecimento:										
Nascido (a):													
1º Grau Concluído em:													
BASE NACIONAL COMUM	ÁREAS DO CONHECIMENTO	COMPONENTES CURRICULARES	Carga Horária Semanal			Carga Horária Anual (40 semanas)			Total	Graus ou Menções			
			1ª	2ª	3ª	1ª	2ª	3ª		1ª	2ª	3ª	
		LÍNGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS	LÍNGUA PORTUGUESA	04	04	04	160	160	160	480			
			ARTES	02	x	02	80	x	80	160			
			EDUCAÇÃO FÍSICA	02	02	02	80	80	80	240			
		CIÊNCIAS DA NATUREZA, MATEMÁTICA E SUAS TECNOLOGIAS	MATEMÁTICA	04	04	04	160	160	160	480			
			QUÍMICA	02	02	x	80	80	x	160			
			FÍSICA	02	x	02	80	x	80	160			
			BIOLOGIA	02	02	x	80	80	x	160			
		CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS	HISTÓRIA	02	02	x	80	80	x	160			
			GEOGRAFIA	02	02	x	80	80	x	160			
			SOCIOLOGIA	02	02	x	80	80	x	160			
			FILOSOFIA	02	x	x	80	x	x	80			
	PARTE DIVERSIFICADA		LÍNGUA ESTRANGEIRA (INGLÊS)	02	02	02	80	80	80	240			
		LÍNGUA ESPANHOLA (*)	01	01	01	40	40	40	120				
		TEMPO DE ÊNFASE NO PPP/Integração das Mídias e Novas Tecnologias/libras	02	x	02	80	x	80	160				
		ENSINO RELIGIOSO (*)	01	01	01	40	40	40	120				
SUBTOTAL			32	24	20	1280	960	800	3040				
FORMAÇÃO PROFISSIONAL	FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO	HISTÓRIA E FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO	x	02	02	x	80	80	160				
		SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO	x	x	02	x	x	80	80	80			
		PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO	x	02	02	x	80	80	160				
		POLÍTICA EDUCACIONAL e ORGANIZAÇÃO do SISTEMA de ENSINO	x	x	02	x	x	80	80	80			
	F.COMPLEMENTAR	PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO	x	02	02	x	80	80	160				
	CONHECIMENTOS DIDÁTICOS METODOLÓGICOS	CONH.DIDÁTICOS PEDAG. DA EDUCAÇÃO INFANTIL	02	02	02	80	80	80	240				
		CONH.DIDÁTICOS PEDAG. DO ENSINO FUNDAMENTAL	x	02	02	x	80	80	160				
		CONH.DIDÁTICOS PEDAG. DA EDUCAÇÃO ESPECIAL	x	02	x	x	80	x	80				
	CONH.DIDÁTICOS PEDAG.DA EDUCAÇÃO de JOVENS e ADULTOS	x	x	02	x	x	80	80					
SUBTOTAL			02	12	16	80	480	640	1200				
PRÁTICAS	PRÁTICAS PEDAGÓGICAS / INICIAÇÃO À PESQUISA/ LABORATÓRIOS PEDAGÓGICOS	04	08	12	160	320	480	960					
CARGA HORÁRIA TOTAL			38	44	48	1520	1760	1920	5200				
(*) Oferta obrigatória e adesão facultativa pelo aluno.													
OBS: _____													

1ª SÉRIE: _____ Ano: _____						2ª SÉRIE: _____ Ano: _____							
3ª SÉRIE: _____ Ano: _____													
Rio de Janeiro,													
SECRETÁRIO ESCOLAR _____						DIRETOR _____							

FIGURA 22 Nova versão curricular do Curso de Formação de Professores, em vigor desde 2010 no CEPJA.

A figura 22 apresenta a versão curricular mais recente do Curso de Formação de professores, realizado pelo CEPJA. No currículo, recém aprovado, o curso retorna aos três anos de formação, contemplando uma carga horária total ainda mais extensa que a apresentada na versão de quatro anos, o que acarretou uma formação de horário integral para

contemplar a densidade do currículo, o que tem sido adaptado para as turmas deste curso.³⁵

Reconhecemos que para que uma escola funcione em tempo integral, com educação de qualidade, oferecida em horário integral, nas ideias de educação que acreditamos e almejamos, há muito o que se alterar nessas estruturas. Este é outro ponto a ser enfrentado pelo CEPJA na realidade vivida hoje. Ponto rico para novas explorações, em futuros trabalhos. Sobre isso, Cavalieri (2007) nos fala:

Entretanto, parece evidente que a maior quantidade de tempo não determina por si só, embora possa propiciar, práticas escolares qualitativamente diferentes. Caso a escola de tempo integral apenas reproduza a escola convencional, o efeito será a potencialização dos problemas de inadaptação.

[...] a ampliação do tempo de escola somente se justifica na perspectiva de propiciar mudanças no caráter da experiência escolar, ou melhor, na perspectiva de aprofundar e dar maior consequência a determinados traços da vida escolar. Toda e qualquer escola sempre atua, ou pretende atuar, para além da instrução escolar. Além de definições curriculares compatíveis, toda uma infra-estrutura precisa ser preparada do ponto de vista de espaços, dos profissionais e da organização do tempo. Numa escola de tempo integral, as atividades ligadas às necessidades ordinárias da vida (alimentação, higiene, saúde), à cultura, à arte, ao lazer, à organização coletiva, à tomada de decisões, são potencializadas e adquirem uma dimensão educativa. (Cavalieri, 2007, p.1023)

2.4.1 - Ementas das disciplinas atuais da formação profissional do Curso Normal de nível médio

Conforme previsto no Documento de Reorientação Curricular do Ensino Normal, da SEEDUC-RJ, as disciplinas componentes desta modalidade de ensino estão organizadas no núcleo de formação profissional, abrangendo os seguintes conteúdos, de acordo com suas especificidades:

História e Filosofia da Educação

Introdução geral à filosofia da educação, origem e fundamentos. Principais correntes do pensamento filosófico relacionado a tendências pedagógicas. Estudo crítico dos fatos, idéias, instituições e tendências da educação através dos tempos como entendimento do quadro atual. Reformas pedagógicas e resistência dos trabalhadores, estudantes e profissionais da educação no Brasil. O Ensino Normal no Brasil, suas origens. Momentos do

³⁵ O Colégio não tem uma infra-estrutura adequada para abrigar turmas em horário integral: faltam banheiros, vestiários, refeitório. A Metro III, órgão regional da SEEDUC-RJ, responsável pelo CEPJA tem feito visitas técnicas para viabilizar a adequação do prédio às reais necessidades deste novo aluno (integral). Os discentes, por sua vez, tem se organizado, através do Grêmio, para manifestar suas reivindicações. Já realizaram protesto no centro do bairro de Marechal Hermes e serão recebidos em audiência pela Secretaria Estadual de Educação.

pensamento político- pedagógico e sua relação com a constituição do Ensino Normal e do Fundamental. A filosofia e a história como instrumentos de análise crítica do processo educacional no Brasil. Crise da ciência e do Estado e a problemática da Escola. Crise dos saberes; multidisciplinaridade, transdisciplinaridade, interdisciplinaridade.

Sociologia da Educação

As bases sociológicas da educação. A educação como processo social. O papel da educação na estrutura social. Educação e Diversidade cultural: currículo e cultura. Educação Inclusiva. A educação como uma prática simbólica. A escola como instituição social e sua articulação com outras instituições socializadoras: relação escola e família. Escolas, reprodução e transformação social. Estado, classes sociais, ideologia e escola.

Psicologia da Educação

Bases históricas da Psicologia. Principais teorias e sistemas. Conceitos. Campos de aplicação. Psicologia do Desenvolvimento. Principais teorias do desenvolvimento. Interações entre os fatores genéticos e ambientais no desenvolvimento humana. Fases evolutivas do homem. Abordagem cognitiva, afetiva, lingüística e social. Psicomotricidade. Psicologia da Aprendizagem. Teorias da aprendizagem: clássicas, psicodinâmicas, sociais. Psicopedagogia. A comunicação humana e as relações interpessoais.

Política Educacional e Organização do Sistema de Ensino

Organização do sistema de ensino no Brasil e no Estado do Rio de Janeiro. As principais legislações que influem na educação no Brasil. Bases econômicas, sociais, culturais e filosóficas da política educacional.

O processo de formulação da política educacional. As relações de força e os interesses em jogo. As tensões entre as políticas oficiais e os movimentos da sociedade civil. A questão do público e do privado na educação brasileira. O financiamento da educação no Brasil. A descentralização político – administrativa da educação. A municipalização do ensino. A organização da formação dos profissionais da educação do Brasil.

Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias

Os princípios teóricos do ensino de Ciências Naturais, fases e tendências. As atividades humanas e a sua relação com o meio ambiente. A relação entre Ciências Naturais, Tecnologias e Cidadania. Organização dos conteúdos de Ciências Físicas Naturais do ensino

fundamental. Estudos comparativos entre equipamentos, instrumentos, ferramentas e suas utilidades. Bases biológicas do desenvolvimento. O papel da alimentação no desenvolvimento da criança. A relação entre as Ciências Físicas e da Natureza e o cotidiano. Ser Humano e Saúde. A integração entre as ciências e a sua utilização. A sociedade, o meio ambiente e a utilização de diferentes espaços pelo homem. A formação da Terra. A relação do homem com o universo. Observando o céu. Os princípios teóricos do ensino da Matemática, fases e tendências. A Matemática e as tendências de ensino. O conceito de número. Os recursos tecnológicos. Contagem e Sistemas de numeração decimal e não-decimal. Números Naturais, Racionais e as operações fundamentais. O espaço e as formas. Tratamento da Informação: gráficos e tabelas. Grandezas e Medidas: comprimento, área, volume, capacidade, massa, tempo. A resolução de problemas.

Processo de Alfabetização e Letramento

A linguagem no processo da construção do conhecimento .A relação linguagem oral/linguagem escrita. Concepções de alfabetização e metodologia. Ambiente alfabetizador. A linguagem escrita como forma de comunicação e expressão. Leitura de mundo a partir da apropriação e uso das diferentes linguagens. Alternativas pedagógicas na área de alfabetização. A apropriação da linguagem escrita como pré-requisito ao conhecimento sistematizado. Alfabetização como processo.

Conhecimentos Didático-pedagógicos em Ensino Fundamental

Fundamentos da ação pedagógica. Didática: relação teoria-prática, a transposição didática. Tendências pedagógicas na prática educativa: implicações didáticas das teorias da aprendizagem. O trabalho pedagógico nas séries iniciais do Ensino Fundamental: do planejamento à avaliação. Elementos básicos do processo de construção da aprendizagem. O processo de construção de conceitos nas ciências naturais, na matemática e nas ciências humanas. A matemática como recurso privilegiado no desenvolvimento do raciocínio lógico e sua utilização no cotidiano e no mundo do trabalho. A língua portuguesa como elo integrador das diferentes áreas do conhecimento. As ciências naturais como forma de compreensão do mundo e suas transformações; o homem como parte do universo, como indivíduo capaz de intervir na natureza e utilizar os seus recursos. As ciências humanas como meio de valorização do patrimônio sócio-cultural e respeito à diversidade; reconhecimento de mudanças e permanências nas vivências humanas nos diferentes espaços e tempos, identificando e avaliando as ações dos homens em sociedade e suas conseqüências. A partir

de uma visão interdisciplinar, estabelecer a relação entre as diferentes áreas do conhecimento na ação pedagógica.

Conhecimentos Didático-pedagógicos em Educação Infantil

A construção social das instituições de Educação Infantil. A criança de 0 a 6 anos e a legislação. A formação do profissional de creche e de pré-escola. O trabalho interdisciplinar e os profissionais envolvidos. A Educação Infantil e o processo de alfabetização. O trabalho pedagógico da Educação Infantil, do planejamento à avaliação: diversidade de expressão e dos processos de criação, linguagem e desenvolvimento de conceitos. O Currículo da Educação Infantil. Relação da Educação Infantil com a Escola Fundamental.

Conhecimentos Didático-pedagógicos em Educação de Jovens e Adultos

O histórico da Educação de Jovens e Adultos. As orientações emanadas de conferências mundiais a respeito da Educação de Jovens e Adultos. Os caminhos da Educação Popular, as campanhas, os movimentos e as alternativas pedagógicas. Os caminhos percorridos pela Educação de Jovens e Adultos na Educação Brasileira, no sistema de ensino e nos movimentos sociais. As metodologias de ensino. Análise das experiências históricas dos países que buscaram a superação do analfabetismo dentro do processo da superação social e política.

Conhecimentos Didático-pedagógicos em Educação Especial

Evolução histórica da Educação Especial. Democracia: cidadania e direitos legais das pessoas portadoras de necessidades especiais. A política nacional de Educação Especial. As pessoas portadoras de necessidades especiais. Serviços e práticas pedagógicas. A Educação Especial e suas modalidades de atendimentos como suporte e recursos. A inclusão da pessoa portadora de necessidades especiais na rede regular de ensino. Integração e inclusão – da teoria à prática. Abordagens e práticas pedagógicas. Adaptações curriculares. Avaliação adaptada.

Práticas Pedagógicas e Iniciação à pesquisa

Vivências no cotidiano escolar. Contato direto com as situações práticas da Educação Infantil, Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos, Educação Especial e Educação Indígena (recomenda-se a utilização de 50% da carga horária anual de Prática Pedagógica) .

Tecnologias aplicadas à educação (Educação a distância, internet, informática educativa, etc). Atividades artístico-culturais e conhecimento do patrimônio cultural (local, municipal, estadual, regional e nacional). Meio-ambiente e qualidade de vida, incluindo práticas que favoreçam o conhecimento e a preservação do patrimônio ambiental. práticas que proporcionem o conhecimento do sistema educacional, tais como: Secretarias de Educação, Conselhos de Educação, etc (recomenda-se que esta parte seja desenvolvida no 1º ano, já permitindo o contato dos futuros professores com o sistema educacional). Práticas que proporcionem o conhecimento do sistema político (Poder Executivo, Legislativo e Judiciário) e sua relação com o sistema educacional. Ética e cidadania: ética, justiça, direitos humanos e magistério como função pública.

2.5 – Os passos mais recentes da história



FIGURA 23 – Aluna posa junto à bandeira do colégio, composta, em sua heráldica, pelo livro com sobreposição de uma pena e das inscrições do nome do colégio, tudo no fundo azul e branco.

Não há dúvida de que a história se faz a partir dos fatos vividos, e é neste caminhar, ou seja, na sucessão dos passos dados, que cabe registrar igualmente os pontos mais recentes e relevantes desta história. Desta forma, abrimos espaço para narrar o passado recente e o tempo presente desta instituição.

Em paz, eu digo que eu sou
O antigo do que vai adiante”
(Samuel Rosa e Nando Reis, Resposta)

No ano de 2007, a SEEDUC-RJ realizou concurso para a carreira do magistério oferecendo vagas ao cargo de Professor de Disciplinas Pedagógicas. Assim, o início do ano letivo de 2008 foi marcado pela chegada de um número considerável de professores, recém aprovados neste concurso, para lecionar no Colégio Estadual Professor José Accioli, contribuindo bastante para com o crescimento do quadro funcional do colégio e o aumento dos dados apresentados, a seguir, neste demonstrativo de funcionários do estabelecimento (atualizado em junho/2011).

CEPJA EM NÚMEROS – CENSO 33075212	
Funcionários estatutários	Regentes – 42
	Extra-classe – 04
	GLP – 10
	Apoio – 03
	Animador Cultural – 01
	Bibliotecário – 01
	Licenciados – 07
	Total: 63
Terceirizados	Facility – 08
	Planejar – 04
	Total: 12
Alunos	1º turno (currículo antigo) – 340
	Integral (currículo novo) – 476
	Total: 816

Além da realização do concurso citado, os últimos três anos têm sido marcados por algumas iniciativas e propostas da Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro, amplamente criticadas por docentes e especialistas em educação, mas apontadas pelo governo como possibilidades de melhoria na qualidade do ensino oferecido pela Rede.

Das ações governamentais propostas, cabe ressaltar primeiramente o Sistema de Avaliação do Estado do Rio de Janeiro - SAERJ, que teve seu início em 2008, com o intuito de promover uma análise do desempenho dos alunos. O Sistema é uma iniciativa da Secretaria

de Educação do Estado para avaliar a educação pública do Estado do Rio de Janeiro. O objetivo, em 2008, foi diagnosticar o desempenho cognitivo dos alunos nas áreas de Língua Portuguesa e de Matemática no 5º e 9º anos do Ensino Fundamental e na 3ª série do Ensino Médio, por meio da avaliação externa, e do 5º ano do Ensino Fundamental à 3ª série do Ensino Médio, por meio da Avaliação Diagnóstica. Assim, o governo propõe que por meio desses resultados, a Secretaria, diretores e professores possam encontrar caminhos para realizar mudanças na educação, uma vez que essas informações contribuiriam para o conhecimento da realidade escolar. O SAERJ compreende dois programas de avaliação: o Programa de Avaliação Diagnóstica do Desempenho Escolar e o Programa de Avaliação Externa.

Segundo a proposta governamental, a avaliação externa teria três objetivos básicos: (a) a definição de subsídios para a formulação de políticas educacionais; (b) o acompanhamento, ao longo do tempo, da qualidade da educação; e (c) a produção de informações capazes de desenvolver relações significativas entre as unidades escolares e órgãos centrais ou distritais de secretarias, bem como iniciativas dentro das escolas.³⁶

No CEPJA a aplicação deste instrumento refletiu diretamente nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, pois essas disciplinas passaram a adotar o resultado do exame como componente de sua(s) nota(s), nos bimestres em que o SAERJ ocorra.

Ainda na linha política adotada no estado do Rio de Janeiro hoje, também merece ser ressaltado que visando possibilitar o uso da tecnologia nas escolas, a Secretaria de Educação divulgou que distribuiu 50 mil *notebooks* para os professores em 2008, com acesso à internet. O docente também tem acesso ao site www.conexaoprofessor.rj.gov.br, que oferece algumas sugestões de atividades e matérias especiais, recursos didáticos, entrevistas e fóruns de

³⁶ Informações extraídas do site da SEEDUC-RJ. Os testes de avaliação em larga escala têm como objetivo aferir a proficiência dos estudantes em determinada área de conhecimento, em períodos específicos de escolarização. Assim, é necessária a definição das habilidades e competências que serão avaliadas em cada área de conhecimento, de modo que possam ser elaborados os itens a serem utilizados na composição dos testes. A definição dessas habilidades é dada pela Matriz de Referência. As Matrizes de Referência do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica – SAEB, utilizadas nas avaliações do SAERJ, são resultado do estudo de Parâmetros Curriculares, Diretrizes Curriculares e livros didáticos e também da reflexão realizada por professores, pesquisadores e especialistas que buscam um consenso a respeito das habilidades consideradas essenciais em cada etapa do Ensino Fundamental e Médio.

debates, além de ser o meio/instrumento *on-line* de lançamento obrigatório das notas bimestrais.

No CEPJA há relatos de alguns professores que não receberam *notebook* e também há muita insatisfação com a exigência de vários lançamentos de notas (no tradicional diário de classe, em meio digital e *on-line* no site da SEEDUC). Registre-se também um número grande de reclamações do funcionamento inadequado do referido site nos momentos de pico (términos de bimestre).

Da mesma forma, a SEEDUC também afirma ter distribuído *notebooks* para os alunos com melhor desempenho no SAERJ 2010 e criou um canal de comunicação exclusivo com os estudantes. Segundo fontes oficiais do governo na rede mundial de computadores, o portal www.conexaoaluno.rj.gov.br traz novidades, dicas e reportagens atuais. Foi criado o Boletim *on-line*, à disposição dos alunos, pais e responsáveis para consulta. É possível conferir a média da turma em cada disciplina, ao lado das notas individuais de cada aluno. Para acessar um boletim, por exemplo, é necessário colocar o número de matrícula e a data de nascimento do aluno.

Cabe registrar que até a presente data (Julho/2011) nenhum aluno contemplado com o *notebook* no CEPJA havia recebido sua premiação.

Outra novidade na escola no ano de 2011 foi a implantação da GIDE – GESTÃO INTEGRADA DA ESCOLA. O objetivo do Sistema GIDE, segundo a SEEDUC-RJ é melhorar os indicadores da atividade fim da Escola, tendo como referência as metas do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica)³⁷ estabelecidas pelo Ministério da Educação, do IDERJ e do indicador da GIDE, o IFC/RS- Índice de Formação de Cidadania e Responsabilidade Social³⁸.

³⁷ IDEB – ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA Foi criado em 2007 para medir a qualidade de cada escola e de cada rede de ensino. O indicador é calculado com base no desempenho do estudante em avaliações do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) e em taxas de aprovação. Assim, para que o Ideb de uma escola ou rede cresça é preciso que o aluno aprenda, não repita o ano e frequente a sala de aula. O índice é medido a cada dois anos e o objetivo é que o país, a partir do alcance das metas municipais e estaduais, tenha nota 6 em 2022 – correspondente à qualidade do ensino em países desenvolvidos.

³⁸ IDERJ – ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO O IDERJ é um índice de qualidade escolar criado para fornecer um diagnóstico da escola, em uma escala de 0 a 10, baseando-se em dois critérios: Fluxo Escolar (IF) e Indicador de Desempenho no SAERJ(ID). Calculado anualmente, permite que a escola faça uma análise de seus resultados, buscando uma melhoria no IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.

No CEPJA houve apenas uma reunião para os docentes tomarem conhecimento deste sistema (GIDE), e há a preocupação constante de se cumprir as exigências, tendo a presença periódica de uma supervisora da SEEDUC nesta verificação.

É público que todas essas ações governamentais vividas na atualidade pela rede estadual de ensino do Rio de Janeiro tem sido alvo de muitas críticas. Vale (re)pensá-las frente ao contexto de nossas escolas. Não há dúvida de que a educação pública no Brasil precisa de inovações e investimentos, porém este não parece ser o caminho ideal. No próximo capítulo apresentaremos algumas reflexões neste sentido.

2.5.1 - Alguns projetos da atualidade

O CEPJA é um colégio tem buscado diversificar a dinâmica pedagógica de seus componentes curriculares. Neste sentido, incentiva a interdisciplinaridade, a realização de projetos, a abertura da escola para a sua comunidade, a organização de parcerias, o acesso aos diferentes meios culturais e outras iniciativas que possam enriquecer a formação ali oferecida.

Assim, tem desenvolvido alguns projetos bem sucedidos, podendo citar, a parceria com a Escola Municipal Cervantes, que tem proporcionado aos alunos a oportunidade de contato com a realidade de sala de aula na educação infantil e no ensino fundamental, em visitas ou eventos realizados em conjunto.

Outra iniciativa recente é a atividade realizada pelas professoras de Biologia e Ciências Físicas e da Natureza para a revitalização dos jardins. Integradas à temática maior do Agenda 21³⁹, as professoras em questão traçaram todo um projeto para o (re)plantio dos jardins do colégio, executando-o durante a realização desta pesquisa.

³⁹ No CEPJA há referências de que a Agenda 21 foi um dos principais resultados da conferência [Eco-92](#) ou [Rio-92](#), ocorrida no [Rio de Janeiro, Brasil](#), em [1992](#). É um documento que estabeleceu a importância de cada [país](#) a se comprometer a refletir, global e localmente, sobre a forma pela qual [governos](#), [empresas](#), [organizações não-governamentais](#) e todos os setores da sociedade poderiam cooperar no estudo de soluções para os problemas sócio-ambientais. As ações prioritárias da Agenda 21 brasileira são os programas de [inclusão social](#) (com o acesso de toda a população à [educação](#), [saúde](#) e distribuição de renda), a sustentabilidade urbana e rural, a preservação dos recursos naturais e minerais e a [ética](#) política para o planejamento rumo ao [desenvolvimento sustentável](#). Mas o mais importante ponto dessas ações prioritárias é o planejamento de [sistemas de produção](#) e consumo sustentáveis contra a cultura do desperdício. A Agenda 21 é um plano de ação para ser adotado global, nacional e localmente, por organizações do sistema das Nações Unidas, governos e pela sociedade civil, em todas as áreas em que a ação humana impacta o meio ambiente.

Outro aspecto a ser citado é a certificação do Selo Escola Solidária. O CEPJA foi certificado e participará novamente da seleção⁴⁰ por desenvolver projeto de voluntariado.

De acordo com informações da Organização Não Governamental (ONG) responsável, os objetivos gerais do Selo Escola Solidária, dentre outros são:

- Reconhecer e fortalecer a escola como núcleo de cidadania em sua própria comunidade;
- Reconhecer e divulgar as ações e os projetos de voluntariado educativo;
- Incentivar a prática do voluntariado educativo como ferramenta formativa;
- Qualificar a formação integral dos alunos.

Ainda nos destaques dos projetos ocorridos na escola, cabe ressaltar a atuação ativa da animação cultural que desenvolve trabalhos e novas parcerias na escola, resgatando a cultura popular, despertando no aluno conceitos de cidadania e oferecendo a oportunidade de visitar e viver diversos meios e formas de cultura. A figura do animador cultural no estado do RJ surgiu com a proposta dos Centros Integrados de Educação Pública – CIEP's. Este profissional é peça fundamental na proposta de educação em tempo integral. No CEPJA, este cargo é exercido de forma significativa: o profissional apóia docentes em diversas disciplinas, desenvolve projetos, trava parcerias externas, etc.

2.5.2 – As instalações e sua conservação

⁴⁰ Segundo o Instituto Faça Parte esta certificação acontece em parceria com MEC (Ministério da Educação), Consed (Conselho Nacional de Secretários de Educação), Undime (União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação), Unesco, OEI e Unicef a cada dois anos.



FIGURA 24 Entrada original do CEPJA, hoje fundos do colégio e entrada externa para o auditório.

O espaço do CEPJA é composto de área externa e interna, na primeira localiza-se uma quadra e um pátio coberto, além de vagas para estacionamento, um espaço para jardins, com algumas árvores e local para hasteamento das bandeiras, em mastros fixos.



FIGURA 25 Fachada lateral do colégio, em frente ao local utilizado como estacionamento, tendo ao fundo um dos blocos de apartamentos do conjunto habitacional, vizinho ao colégio.



FIGURA 26 Quadra do colégio em 2011 – parte externa do prédio.

Na parte interna do prédio, no andar térreo ficam localizadas a secretaria, a sala de leitura, a sala dos professores, o gabinete da direção, a cozinha, os banheiros e o auditório de 450 lugares (originalmente), com cadeiras de madeira, porém muitas estão inutilizadas, precisando de substituição.

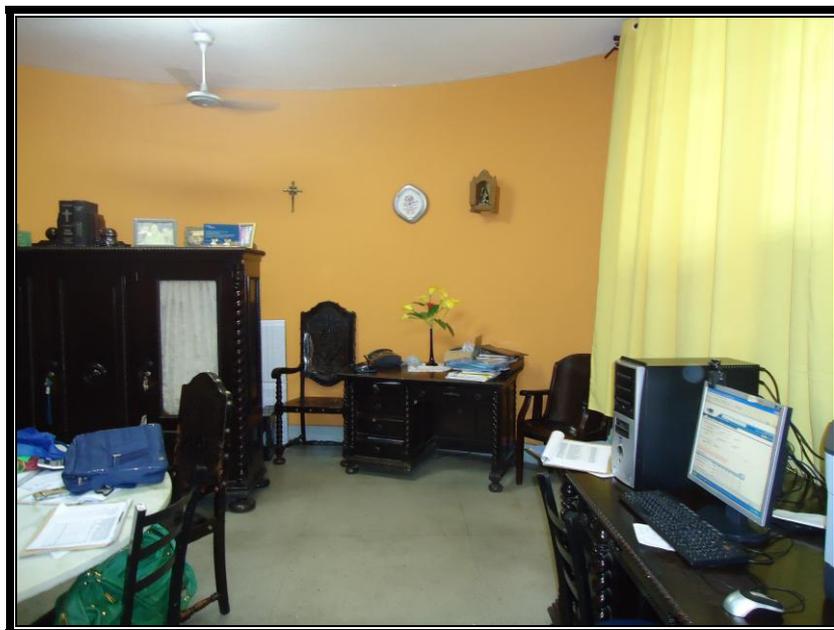


FIGURA 27 Gabinete da Direção – mobiliário antigo preservado em perfeitas condições.



FIGURA 28 – Sala dos professores, tendo no centro uma bela mesa de mobiliário antigo, toda em madeira.

No piso superior (único andar) ficam as salas de aula, a sala de informática e o laboratório de artes. Este piso é acessado por dois lances largos de escada, após a grade do pátio interno, entre a sala dos professores e a cozinha. Após a escada, há um largo corredor para as salas de aula, dispostas ao redor, como ilustrado na fotografia abaixo.



FIGURA 29 – Corredor de acesso às salas de aula, sala de informática e laboratório de artes.

Podemos até observar esforços da equipe gestora para a manutenção do prédio, motivando toda a comunidade escolar a preservá-lo, embora em algumas instalações fique muito evidente a necessidade urgente de obras para reparos.



FIGURA 30 Sala de Informática – equipada com alguns computadores e utilizada tanto por professores (em reuniões pedagógicas) tanto por alunos, principalmente nas disciplinas pedagógicas que buscam o acesso às novas tecnologias.

A utilização de recursos audiovisuais depende de agendamento prévio, pois a escola não possui um número suficiente destes meios para disponibilizar ao uso de todo o corpo docente. Assim, recursos como TV, DVD e rádio são meios utilizados ao longo do ano letivo, mas em número reduzido.

As salas de aula, por sua vez, seguem o mesmo padrão e são equipadas com quadro branco e quadro de giz, iluminação fria, aparelhos de ar-condicionado (recém instalados em toda a rede estadual de ensino do RJ), quadro mural e ventiladores. O mobiliário é simples, em razoável estado de conservação, mantidos, dentro do possível, em boas condições de limpeza, conforme apresentamos a seguir:



FIGURA 31 – Sala de aula do CEPJA

2.5.2 – A preservação dos ritos de chegada e saída, típicos do Ensino Normal



FIGURA 32 – Distintivo do colégio e as insígnias representativas do 1º, 2º, 3º e 4º anos.

Como toda escola *tradicional* formadora de professores em nível médio, o Colégio Estadual Professor José Accioli mantém acesa a chama dos ritos de entrada e saída no colégio. Assim, anualmente vivencia-se a festa da incorporação dos alunos ingressantes, no início do ano letivo, aproveitando a data em que o colégio aniversaria e ao término do ano letivo, a festa do adeus para os formandos.

Sabemos que as festividades numa instituição escolar desempenham um papel primordial na (re) escrita e (re) leitura desta história, por expressar a cultura da escola, como nos fala Lopes (2006):

O calendário festivo de uma instituição reflete a sua memória e esclarece de que maneira os *senhores* dessa memória desejam vê-la perpetuada. As festas existem

para estabelecer a correspondência de um tempo remoto com um tempo presente, são rituais que evocam a tradição, explicam as nossas origens, criam vínculos onde há hiatos, evitam discursos conflituosos, desvios de interpretação, lacunas. Cuidadas em relação ao cerimonial, apóiam-se em suportes materiais como hinos, bandeiras, legendas, vestimentas, símbolos que lhes garantam credibilidade (Lopes, 2003, p.273).

Face ao exposto, cabe destacar que as festividades vivenciadas no CEPJA são dignas de uma instituição que forma professores há mais de 25 anos e busca inscrever-se nesta pauta no estado do Rio de Janeiro. Enxergamos as festas simbolizando os rituais de uma tradição ou até mesmo de um tempo de glória, de fascínio, onde a profissão docente era o sonho dourado de muitas famílias, com poder aquisitivo na sociedade brasileira, que desejaríamos que estivesse mantido até hoje.

Das solenidades que acontecem na escola, há outro importante momento que é o Desfile Cívico na Vila Militar, onde toda a graciosidade da antiga Escola Normal parece ser revivida e apresentada para o público externo, com muita honra e orgulho.

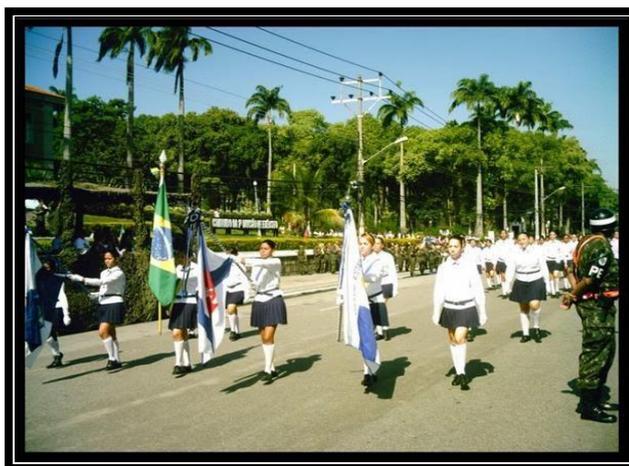


FIGURA 33 – Desfile cívico do ano de 2008, em destaque a abertura do desfile pelo Pelotão de Bandeiras, seguido dos demais alunos do colégio.

Essas festividades, ainda vivenciadas e cobradas por parte da direção, representam para Nora (1993) os lugares de memória que surgem a partir do esquecimento das tradições, dando ensejo à criação de uma memória voluntária que começa a ser construída em função da inevitável perda da própria memória espontânea. Por isso é preciso criar arquivos, organizar celebrações, notariar atas, manter aniversários.

A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados nas práticas sociais recorrentes. (...) o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência das gerações (HALL, 1997, p.15).



FIGURA 34 – Cerimônia de troca do Pelotão de Bandeiras, realizada durante a Festa do Adeus (2009), no auditório do colégio.

Nessa perspectiva, fundamentados em Chartier (2001), buscamos entender que as representações são concebidas como práticas culturais, estratégias de pensar a realidade e construí-la. Segundo o autor, as estruturas do mundo social são produzidas historicamente pelas articulações de práticas políticas, sociais e discursivas, nas quais se baseiam para construir seus modelos.

Viver as tradições nas cerimônias e festividades traduz a importância de participar de determinado grupo, fato que fica evidente nos momentos narrados acima. Porém para tentar ir além das evidências, propomos no próximo capítulo deste estudo, uma análise a partir da reflexão, da observação e das representações do grupo que hoje abriga o CEPJA, professores e professorandos, que corroboram, a nosso ver, no tempo presente, para a construção da identidade, bem como para a preservação da memória dessa instituição.

Abordaremos alguns dados resultantes de pesquisa realizada com alunos ingressantes, traços do perfil deste aluno e seus interesses iniciais no curso de formação de professores e no ensino realizado pelo CEPJA. Em seguida, refletiremos a partir das características do perfil docente da atualidade e suas concepções, para finalmente, atingirmos as percepções do corpo discente sobre formação, profissionalização, conceitos do passado, do presente, do futuro e suas expectativas.

Avante Normalista (Olintina Costa)

A marchar com galhardia
Entoando a vibrante canção
Irradamos alegria
Que se inflama em nosso coração
Cultivando a inteligência
Só buscamos bons livros e revistas
Passo firme na cadência vamos sorridentes
Avante normalistas.

Com laços de amizade
As Escolas Normais serão bem unidas
O uniforme azul-branco suas honras e glórias
Sempre defendidas, merecidas.

CAPÍTULO 3

DESAFIOS E PERCEPÇÕES DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO COLÉGIO ESTADUAL PROFESSOR JOSÉ ACCIOLI NOS DIAS DE HOJE

Neste capítulo, buscaremos discutir a formação de professores nos últimos anos, ressaltando que essa discussão é sempre uma proposta para debate intenso no cenário educacional e, além disso, é um desafio para a “praxis” pedagógica diária daqueles que se inserem diretamente neste campo de trabalho.

Da tradicional canção que enaltecia as normalistas nos Anos Dourados aos dias de hoje muita coisa mudou. As percepções que apresentamos, representam um pouco destas mudanças e correspondem, inicialmente, num primeiro momento de pesquisa, à incorporação dos dados realizados em uma pesquisa de opinião com os alunos ingressantes do CEPJA para a definição de seu perfil; em seguida, relacionam-se ao trabalho de observação e à prática docente vivenciada no ano letivo de 2010, com os alunos do terceiro ano do ensino médio, modalidade Normal (aproximadamente 160 alunos participantes); e por último, estão relacionadas às análises e reflexões a partir dos pontos elencados nos questionários que foram respondidos pelos docentes para este estudo.

Sendo assim, podemos considerar que na realização deste trabalho, vivenciamos três momentos específicos de coleta de dados: inicialmente, uma pesquisa de opinião para a definição do perfil do ingressante; num segundo momento a aplicação de instrumento de pesquisa aos alunos do terceiro ano (anexo 1) e por último, a realização de instrumento de pesquisa com os professores/funcionários (anexo 2).

A escolha do universo de alunos que participou diretamente da pesquisa (terceiro ano) deu-se primordialmente, por dois motivos: eram alunos que já tinham atingido mais da metade do curso, tendo a meu ver, um grau maior de maturidade para avaliá-lo e ainda, no ano letivo de 2010, estavam em sala de aula diretamente comigo, possibilitando maior contato e observações de sua realidade.

Para a seleção dos funcionários o principal critério foi o voluntariado e a diversidade destes profissionais: buscamos contemplar quanto à área de atuação (formação geral ou profissional), quanto ao tempo de serviço (servidores mais novos e mais antigos), quanto à formação inicial, quanto ao cargo/função que ocupa/exerce, enfim, buscamos contemplar o maior número de participantes, respeitando-se a vontade de cada um em participar da pesquisa. Consideramos que foi possível abranger um número representativo do corpo de

funcionários do CEPJA, tendo em vista a sua pluralidade profissional. Do universo total de 58 pessoas efetivas hoje no colégio, entre professores regentes, professores extra-classe, coordenadores, bibliotecários e direção, habilitaram-se a participar desta pesquisa 35 pessoas, atingindo pouco menos de dois terços desta totalidade.

O envolvimento de boa parte destes servidores deu-se desde a concepção do projeto de pesquisa que originou este estudo. Vários professores se dispuseram a contribuir com suas falas, suas práticas e experiências para o relato da história de vida deste colégio. Outros indagavam o trabalho, por desconhecerem o campo de pesquisa da história das instituições escolares. Alguns temiam o que poderia ser objeto de investigação. O diálogo tornou-se constante para esclarecer a proposta de trabalho e viabilizar sua continuidade. Ao longo dos anos letivos de 2010 e 2011 foram muitos momentos de expectativa, conversas informais, troca de informações, dúvidas, incertezas e construções coletivas do conhecimento até a culminância da coleta de dados com a aplicação do instrumento propriamente dito (anexo 2).

Vale observar que o vínculo construído com os participantes da pesquisa, tanto no grupo de discentes, como no grupo de docentes fez aflorar um sentimento de participação efetiva na história do CEPJA, quando cada um pode sentir sua contribuição para esse registro.

Inicialmente, apresentaremos dados do perfil do ingressante no colégio, dados do perfil docente, reflexões a partir das respostas dos alunos do terceiro ano participantes da pesquisa e, em seguida, apontaremos também algumas reflexões dos itens respondidos pelos docentes. Os aspectos abordados neste capítulo priorizam a caracterização do contexto atual do curso de formação de professores, oferecido no CEPJA, destacando, do universo selecionado de professorandos, as representações sociais em torno da profissão docente, presentes nos diálogos e nos dados apontados pelos questionários, revelados nas idéias apresentadas, nos anseios e nas expectativas para a vida de cada um.

Cabe registrar que os dados apontados no perfil do ingressante são resultado de uma pesquisa de opinião feita pela prof^a Lidia de Oliveira Lopes, da disciplina Práticas Pedagógicas e Iniciação à Pesquisa com os alunos do primeiro ano de 2009⁴¹. Segundo a professora citada, a pesquisa de opinião em questão teve como objetivo conhecer a intenção do aluno ao matricular-se numa escola de Ensino Médio-Normal e pretendeu verificar o grau de conhecimento em relação ao curso ingressado.

⁴¹ Dados utilizados gentilmente cedidos pela professora responsável pela aplicação da pesquisa aos ingressantes do ano de 2009.

Perfil do Ingressante

Participaram da pesquisa alunos das seis turmas do primeiro ano, distribuídos da seguinte forma: T 1001 – 35 alunos; T 1002 – 47 alunos; T 1003 – 38 alunos; T 1004 – 36 alunos; T 1005 – 35 alunos; T 1006 – 41 alunos, perfazendo um total de 232 alunos participando da pesquisa.

O que motivou a pesquisa foi a observação da reclamação de alguns alunos em relação ao conteúdo programático e aos procedimentos da escola, destoando do que se espera de um aluno que se matricula numa escola de formação de professores – Ensino Médio-Normal. Daí, a necessidade de verificar como o aluno está chegando ao 1º ano e qual a sua motivação ao ingressar neste curso.

A pesquisa de opinião foi feita através de duas perguntas abertas:

- 1) Por que você veio estudar no CEPJA?
- 2) O que significa uma escola de Ensino Médio-Normal?

As tabelas (1 e 2) e os gráficos (1 e 2) a seguir apresentam os dados coletados:

TABELA 1

1) POR QUE VOCÊ VEIO ESTUDAR NO CEPJA?		
• Porque quer ser professor(a).	143	61,6%
• Foi sorteado(a)/ Sem opção.	70	30,2%
• O CEPJA tem um bom ensino.	12	5,2%
• Não vai ficar no colégio.	04	1,7%
• Agora que está no colégio, vai ficar.	03	1,3%
TOTAL	232	100%

GRÁFICO 1

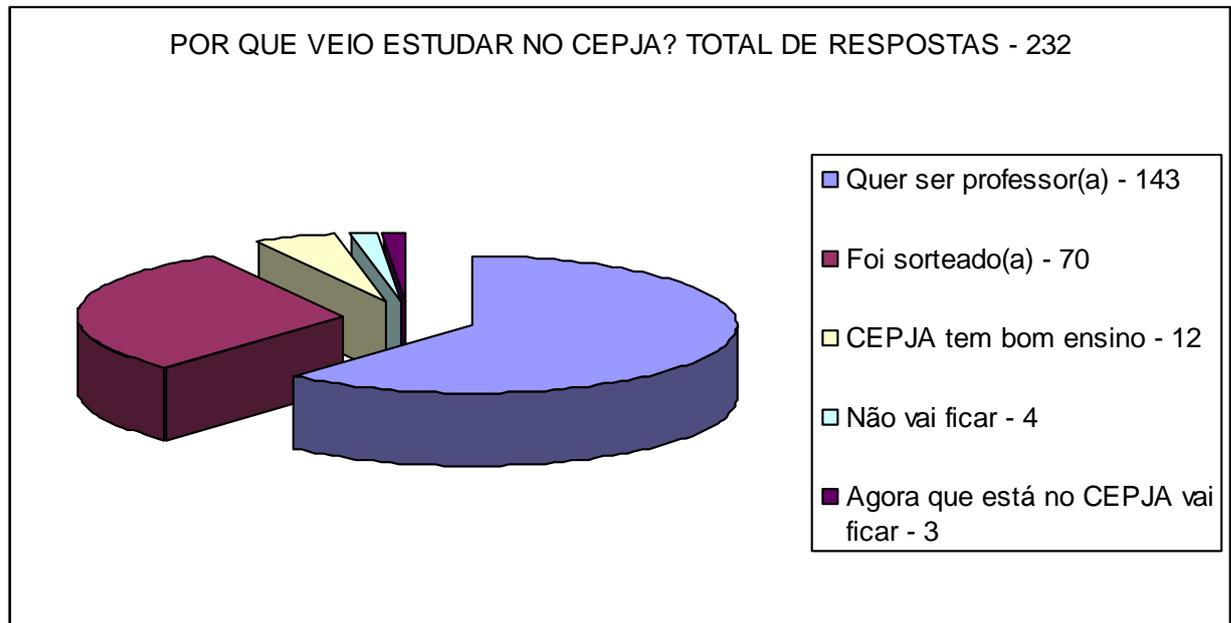
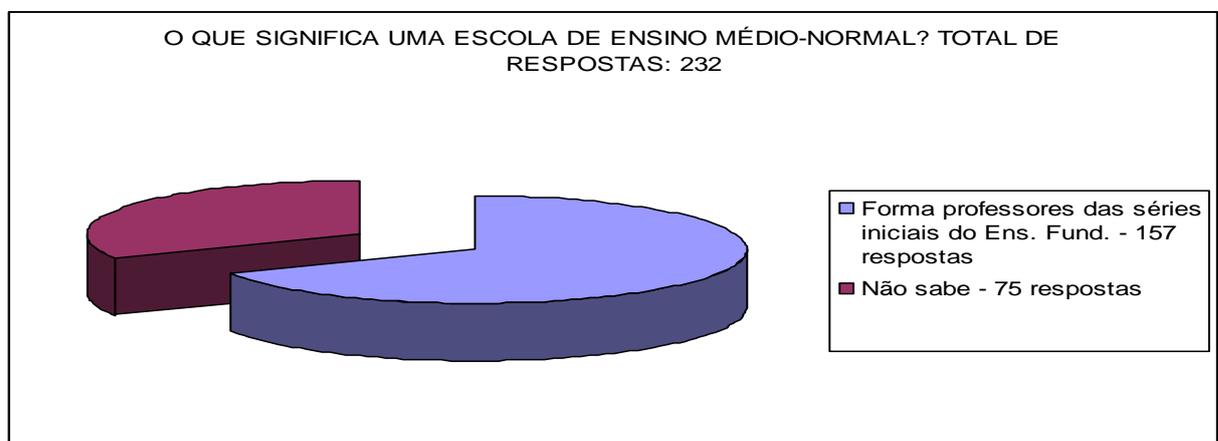


TABELA 2

2) O QUE SIGNIFICA UMA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO-NORMAL?		
• Forma professores das séries iniciais do Ensino Fundamental.	157	67,6%
• Não sabe.	75	32,4%
TOTAL	232	100%

GRÁFICO 2



A pesquisa de opinião revelou que 32,4% dos alunos que ingressam no curso Normal-Médio, no Colégio Estadual Professor José Accioli, no ano de 2009, ignoram que formação receberão e 33,2% dos alunos não escolheram o curso, foram sorteados ou não tiveram outra opção. Mesmo assim, poucos desejam sair do curso, porque enxergam uma possibilidade de formação para o trabalho em médio prazo.

Dado o perfil do aluno ingressante, partiremos para a pesquisa realizada com todos os alunos matriculados no terceiro ano, em 2010 (vide instrumento de pesquisa, em anexo), que também revelou dados instigantes ao debate proposto, proporcionando, assim, algumas reflexões importantes na (re)escrita da história desse colégio, distribuídas, neste momento, em duas partes, a primeira abordando conceitos e concepções fundamentais ao exercício profissional e a segunda com o relato dos dados alcançados, breves reflexões e inferências, com algumas conclusões, ao final.

Acreditamos que somente uma reflexão sistemática e continuada é capaz de promover a dimensão formadora da prática e dessa forma caminhamos no dia-a-dia de trabalho, numa estrada cheia de obstáculos, mas sempre com um horizonte a despontar. O desenrolar desse processo de reflexão contínua e permanente é também uma forma de avaliar nosso próprio trabalho desenvolvido na sala de aula, a fim de perceber as implicações da prática pedagógica na sua formação, assim como verificar a importância dessa prática na vida dos alunos. O exercício de ação-reflexão- e nova ação permite constatar, entre outras coisas, se o trabalho desenvolvido está atendendo às expectativas dos alunos, seus interesses e os propósitos da disciplina, e dessa maneira, de modo geral, a formação do futuro professor.

É assim que venho tentando ser professor, assumindo minhas convicções, disponível ao saber, sensível à boniteza da prática educativa, instigado por seus desafios que não lhe permitem burocratizar-se, assumindo minhas limitações, acompanhadas sempre do esforço por superá-las, limitações que não procuro esconder em nome mesmo do respeito que me tenho e aos educandos. (Freire, 1996, p.71-72)

3.1 - Formação docente e alguns desafios impostos no século XXI

Pensar a formação de professores na atualidade, nos exige uma reflexão inicial, proposta por Veiga e Silva (2010)⁴²:

no sentido etimológico, a palavra formação vem do latim *formare*, que, como verbo transitivo, significa dar forma; como verbo intransitivo, significa colocar-se em formação e, como verbo pronominal, significa ir-se desenvolvendo uma pessoa. O termo formação, de acordo com o dicionário Aurélio é “o ato ou modo de formar e formar significa dar forma a algo; ter a forma; por em ordem; fabricar; tomar forma, educar”(Veiga e Silva, 2010, p. 20).

⁴² As autoras discutem de forma esclarecedora a formação de professores e seu contexto atual, abordam a etimologia da palavra formação de maneira inovadora e criativa.

Consideramos a formação vinculada à história de vida dos sujeitos, associada ao seu desenvolvimento contínuo e quando tratamos da formação de professores, verificamos as atuais necessidades sociais, a gama de personagens e os papéis possíveis a serem assumidos pelos docentes na sociedade do século XXI. Nas palavras de Nóvoa (1991), ser professor no século XXI é reinventar um sentido para a escola, tanto do ponto de vista ético quanto cultural, e nessa dimensão inovadora do nosso mundo de intensas transformações, um dos desafios propostos é justamente acompanhar o desenfreado “progresso” de nossos tempos.

Frente às necessidades do mundo em que vivemos, os cursos de formação de professores precisam contemplar temas que possibilitem a reflexão crítica da realidade social, pois todos desejamos ter uma vida mais justa, humana e solidária e reconhecemos que o professor tem importante papel a desempenhar nesse sentido. Diante dessa perspectiva indagamos quais seriam os conhecimentos imprescindíveis nessa formação? A racionalidade técnica, as práticas instrumentais, as abordagens didáticas, os fundamentos psicológicos, o domínio da língua, os saberes matemáticos, as habilidades com as novas tecnologias, enfim, que saber seria esse, necessário para moldar o profissional do magistério e garantir seu futuro sucesso em sala de aula?

No rol dos desafios presentes, outro ponto a considerar diz respeito ao público que integra, hoje, os cursos de formação de professores, em nível médio modalidade Normal. Sabemos que nossa clientela já não é mais aquela dos áureos anos do século passado. Não obstante a isso, por sua vez, os docentes que atuam neste nível de formação, também não são detentores das melhores titulações, possuem deficiências em sua formação inicial e, assim, muitas vezes, tem de enfrentar os desafios impostos pela prática, com despreparo profissional e improvisado, sem ter, no mínimo, reais possibilidades de formação continuada. Isso, sem falar nas precárias condições de trabalho enfrentadas por muitos (Veiga e Silva, 2010).

Somando-se aos desafios citados, persiste ainda o paradoxo sobre o qual os governos precisam responder:

Por um lado, a formação de professores é um dos temas mais candentes na área da educação, há consenso de que qualidade de educação é inseparável da qualificação e competência dos professores; por outro lado, há um rebaixamento evidente da qualificação dos professores em todo o país, além da degradação social e econômica da profissão. Em outros termos, ao mesmo tempo em que se fala da valorização da educação escolar para a competitividade, para a cidadania, para o consumo, continuam vigorando salários baixos e um reduzido empenho na requalificação profissional dos professores (Libâneo, 2002, p.53).

Nesse cenário, é importante que o professor que trabalha com a formação de professores se preocupe “a priori” com a reflexão sobre a competência técnica e o compromisso político-ético-social e tenha esses pontos como norteadores e orientadores de sua prática pedagógica. Podemos considerar que nos encontramos num quadro um tanto

quanto conturbado na teia da formação de professores. E ao buscar a representação social desta formação e da profissão docente, é possível desvelar vários aspectos ligados às questões da história das representações sobre a identidade da profissão docente.

Historicamente, sabemos que os docentes desenvolveram identidades isoladas. Segundo Nóvoa (2001) falta uma dimensão de grupo, que rejeite o corporativismo e afirme a existência de um coletivo profissional. Assim, a nossa proposta de pensar essa formação, passou a ser um exercício sob três pilares: o resgate da imagem docente no passado, sua representatividade no presente e suas expectativas em relação ao futuro, na visão de cada um dos discentes.

Além disso, segundo Nóvoa (1991), os educadores ainda se deparam com uma imagem social ambígua:

por um lado, são olhados com desconfiança, por serem acusados de serem profissionais medíocres e de terem uma formação deficiente; por outro lado, são bombardeados com uma retórica cada vez mais abundante que os considera elementos essenciais para a melhoria da qualidade de ensino e para o progresso social e cultural (Nóvoa, 1991, p.34).

Para atingir nosso propósito, as observações e os debates foram constantes, além da distribuição de alguns itens numa escala de respostas para cento e sessenta pesquisados, o que nos proporcionou os dados apresentados na segunda parte deste capítulo. Fundamentados em Chartier (2002), verificamos que:

A percepção do real não é um processo objetivo e transparente, mas, ao contrário, é determinado por categorias partilhadas por determinado grupo social, as quais permitem entender, classificar e atuar sobre o real. Tais categorias configuram uma instituição social, na medida em que são dados ligados a grupos sociais, os quais buscam atender a interesses específicos. O resultado é que a representação do real construída pelos diferentes grupos sociais tende a justificar e a legitimar um determinado lugar social (Chartier, 2002, p.73).

3.2 - No discurso de professores e alunos: percepção e análise de dados

Após a análise dos itens do instrumento de pesquisa (vide anexo 2), as respostas dos participantes puderam ser agrupadas e referenciadas de acordo com a temática de cada item: o Curso Normal, o professor no passado, no presente e no futuro, a escola atual e as expectativas profissionais. Na análise realizada, consideramos o pensamento de Chartier (2002), “a representação inseparável da prática: a prática é uma ação no mundo que faz reconhecer o lugar social do indivíduo”.

Pode-se dizer que a representação, ao articular-se às práticas, implica uma identidade social. E não existe representação dissociada da prática: é o mundo da representação que gera as práticas sociais, objetivando-se em instituições, que tendem a perpetuar a existência dos grupos sociais. [...] Não se pode esquecer a

dimensão histórica destes processos, posto que as significações são históricas (Chartier, 2002, p.77).

A partir dessa fundamentação apresentamos, a seguir, os resultados segundo cada tema, estabelecendo a existência de categorias que organizam e constroem a representação do real como uma prática social⁴³.

As breves reflexões, ora apresentadas, são delineadas sob os seguintes eixos: o curso, suas disciplinas e seus conteúdos; a representação do professor no passado, no presente e no futuro; a escola atual e as expectativas profissionais.

Reconhecemos que os dados abordados merecem um maior adensamento, possivelmente a ser desenvolvido em trabalhos futuros, visto que neste texto não foi possível contemplá-los em toda a sua complexidade de informações.

a) O Curso Normal – o ensino e as disciplinas

Os participantes responderam três itens relacionados à qualidade do curso que frequentam e demonstraram satisfação total ou parcial em relação ao curso, como uma boa opção de formação, em nível médio. Quanto aos conhecimentos transmitidos, foram considerados necessários ao bom desempenho profissional. Em relação às expectativas das disciplinas ministradas no Normal, os alunos também revelaram, em sua maioria, plena satisfação.

b) O professor no passado e no presente

Ao responder sobre a realidade social do professor no passado e no presente, a grande maioria discorda que a profissão está em decadência e que ser professor é um status do passado. Os discentes encaram a profissão como um ofício que exige constante estudo e preparação, e por último, apontaram para a importância do docente de ser exemplo/modelo para os alunos.

c) O professor no futuro

Enxergar o espaço da profissão no futuro, com o aumento desenfreado das novas tecnologias pode não ser fácil para muitos, no entanto, os professorandos revelaram uma excelente expectativa, pois em sua maioria, acreditam que o lugar do professor está garantido

⁴³ O perfil dos alunos entrevistados, pode ser assim resumido: a maioria dos entrevistados situa-se numa faixa etária entre os 16 e os 19 anos, na qual há a predominância de pessoas do sexo feminino, alunos do terceiro ano do ensino médio, na modalidade Normal.

no futuro, independentemente do avanço das novas tecnologias. Revelaram crer que os últimos não são substitutivos dos primeiros, ou seja, o professor, na visão dos entrevistados, não poderá jamais ser substituído pelos recursos e avanços tecnológicos.

d) A escola atual

A escola atual foi o conceito que gerou maior conflito: quase metade do grupo considerou que a escola é inadequada e não acompanha a evolução do mundo moderno, mas por outro lado, reconheceram essa mesma escola como um espaço de diálogo e construção coletiva de conhecimento, revelando uma dualidade nesse conceito.

Precisamos refletir sobre o que é a escola na atualidade, qual a imagem que temos dela e como são correspondidas nossas expectativas?

Sabemos que na evolução histórica da humanidade a escola instituiu-se como “lócus” da educação para atender às exigências do mundo do trabalho; na sociedade capitalista tornou-se difusora dos saberes universais do homem e responsável pelo desenvolvimento de valores e crenças das classes hegemônicas; por outro lado, desejamos que a escola possa ser um lugar para a formação de cidadãos da sociedade na qual estão inseridos e dessa forma, buscamos compreender a contradição da organização da escola capitalista contrapondo-se aos nossos ideais de escola emancipatória (Veiga e Silva, 2010).

No pensamento discente podemos depurar que a representatividade desta dualidade aponta que a escola precisa (re)ver suas ações e contemplar temas que busquem a reflexão crítica da realidade social, pois diante das necessidades do mundo que vivemos, torna-se imprescindível preservar o diálogo e a construção coletiva do conhecimento, na busca da sociedade mais justa, igualitária e solidária que todos queremos (Veiga e Silva, 2010).

Em relação ao CEPJA, acreditamos que este conceito possa ser fruto de algumas expectativas frustradas dos alunos em relação ao curso, quando tomados pelas atividades de rotina e/ou pelas práticas pedagógicas pouco inovadoras possam ter questionado a função real da escola. Reconhecemos que o jovem de hoje tem sede de conhecimento e acompanha de perto as evoluções mundiais. Assim, um novo desafio imposto aos docentes é acompanhá-lo, em seu ritmo e em sua(s) linguagem(ns). Resta à escola encontrar os caminhos nessa nova estrada, lembrando que ainda continua tendo imensurável importância.

e) As expectativas profissionais

Indagados sobre a vontade de prosseguir os estudos, em nível superior, na área da educação pelo menos um terço respondeu negativamente, uma minoria demonstrou-se indecisa e a maior parte dos alunos demonstrou interesse em continuar os estudos nessa área.

Sobre o exercício profissional, praticamente 80% do grupo deseja trabalhar como professor, ao término do curso. Apenas uma minoria permaneceu indecisa ou respondeu negativamente, sendo a maior representatividade a parcela que disse ter interesse em exercer a profissão.

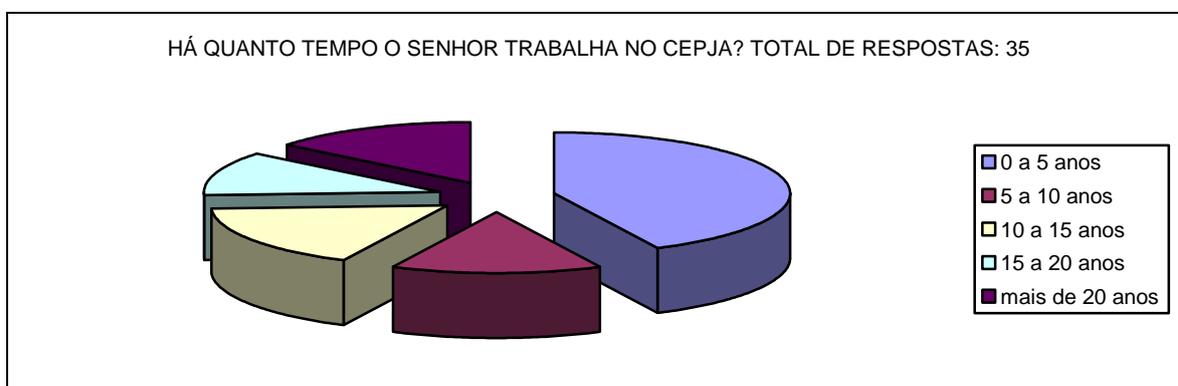
Assim como foi feito com os discentes, o corpo docente da instituição também respondeu ao questionário, com algumas questões idênticas aos alunos. Inicialmente, no questionário docente, a parte inicial constituiu-se de uma apresentação, com fins a estabelecer um perfil deste professor participante da pesquisa. Desta forma, foi possível apontar que o docente, que caracteriza o CEPJA hoje, está destacado nas tabelas e nos gráficos a seguir:

Perfil Docente

TABELA 3

HÁ QUANTO TEMPO O SENHOR TRABALHA NO CEPJA?		
. entre 0 e 5 anos	15	42,85%
. entre 5 e 10 anos	5	14,28%
. entre 10 e 15 anos	6	17,14%
. entre 15 e 20 anos	5	14,28%
. há mais de 20 anos	4	11,42%
TOTAL	35	100%

GRÁFICO 3

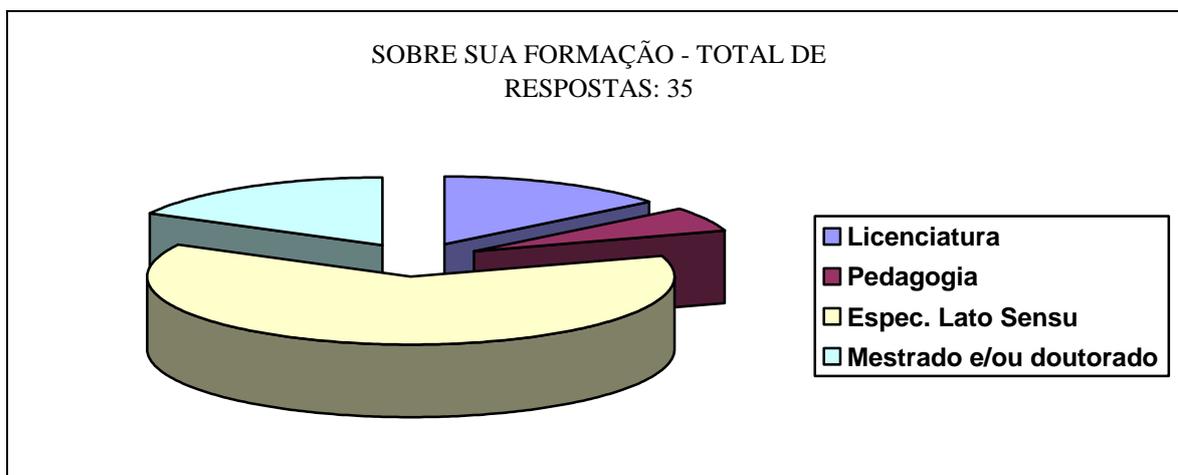


A pesquisa apontou que o professor que atua hoje no CEPJA, em sua maioria, trabalha na escola há pouco tempo, já que mais de 42% encontram-se na faixa de exercício de 0 a 5 anos. Fazem parte deste universo os professores recém concursados, concurso 2007, referido anteriormente.

TABELA 4

SOBRE SUA FORMAÇÃO		
. Nível superior com licenciatura	5	14,28%
. Nível superior – Pedagogia	2	5,71%
. Pós graduação Lato Sensu – especialização	22	62,85%
Mestrado e/ ou doutorado	6	17,14%
	TOTAL	35
		100%

GRÁFICO 4



Indagados sobre seu nível de formação, os professores responderam na grande maioria que são possuidores de pós graduação lato sensu, especialização, o que revela um dado importante sobre sua qualificação, pois a exigência para o ingresso neste nível do magistério é apenas da graduação.

Da mesma forma que fizemos com os alunos, buscamos agrupar as questões respondidas pelos docentes nas seguintes temáticas:

- a) O Curso Normal – o ensino e as disciplinas
- b) O professor no passado e no presente
- c) O professor no futuro

- d) A escola atual
- e) As expectativas profissionais

Sobre o Curso Normal – o ensino e as disciplinas, os docentes responderam a três itens relacionados à qualidade do curso e assim como os alunos demonstraram satisfação total ou parcial em relação ao curso, considerando-o uma boa opção de formação, em nível médio. Indagados sobre os conhecimentos transmitidos, consideraram os mesmos necessários ao futuro desempenho profissional de seus alunos. Por último, responderam que consideram o CEPJA uma escola *de tradição* na formação de professores em nosso estado.

Sobre a imagem do professor no passado e no presente os docentes consideraram que o professor deve ser exemplo/modelo para seus alunos. A grande maioria, assim como os discentes, discorda que a profissão está em decadência, porém 1/3 do grupo revela que ser professor é um status do passado. Quase que unanimemente os docentes enxergaram a profissão como um ofício que exige constante estudo e preparação.

Visualizar o espaço do professor na sociedade do futuro foi um exercício reflexivo para o grupo que foi fiel ao pensamento, também esboçado pelos alunos, de que o lugar do professor está garantido em qualquer sociedade no futuro, independentemente do avanço tecnológico. Para o grupo, o professor não será substituído em tempo algum pela tecnologia ou meios de comunicação de massa.

Diferente do que apontou o grupo de alunos, para os professores a escola atual é inadequada sim e não acompanha a evolução do mundo moderno, mas mesmo assim, reconhecem a escola como um espaço aberto de diálogo, voltado para a construção coletiva de conhecimento.

Para finalizar, o grupo de docentes respondeu a dois itens sobre sua preocupação com a formação continuada e novos investimentos na carreira e quase que unanimemente mais uma vez respondeu positivamente, demonstrando preocupação com constantes atualizações profissionais e a realização de novos cursos em suas áreas.

3.4 - Considerações sobre os desafios e as percepções

Dos desafios aqui apontados e das percepções ocorridas no decorrer do período de observação e realização das pesquisas, é imprescindível sublinhar algumas idéias que se fazem sempre presentes, a saber: a qualidade do ensino e a formação de professores estão intimamente ligadas, sendo preciso rever não só os propósitos desta, mas também a possibilidade de melhoria daquela. Essa educação de qualidade que queremos para os professorandos depende de uma formação teórica e prática dos professores que atuam no

Curso Normal. Os professores - tanto os alunos, futuros professores, quanto os seus próprios professores - precisam ser sujeitos críticos. Além disso, é imprescindível valorizar o profissional do magistério e lhe oferecer condições dignas de trabalho.

Sobre esse aspecto, Libâneo (2002) diz que:

Se se pode dizer que a justiça social, hoje, no que diz respeito à democratização da educação escolar, é a garantia da qualidade cognitiva e operativa das aprendizagens, para a produção de saberes, numa sociedade e numa escola que inclua todos, certamente valerá a pena continuar apostando na busca de dignidade e credibilidade profissional dos professores a partir da qualidade de sua formação e das suas condições de trabalho.

(Libâneo, 2002, p.22)

Apesar do prestígio da profissão docente ainda permanecer, mesmo que não tão aparente, e da sociedade perceber a importância de investir na educação atualmente, Nóvoa (1991) salienta que os professores não são valorizados de forma íntegra e digna: nosso salário, muitas vezes, não serve nem para o sustento; nossa função é múltipla; as regras para a entrada no curso de formação de professores são inadequadas; a formação inicial e continuada é, muitas vezes, ineficaz. Para Nóvoa (1991) os professores, há muito tempo, vêm sofrendo de uma situação de mal-estar na profissão, que causa desmotivação pessoal com a docência, abandono, insatisfação, indisposição, desinvestimento e ausência da reflexão crítica, entre outros sintomas que demonstram uma auto-depreciação do professor. Esta situação abarca a crise da profissão docente, que vem sendo bastante analisada e discutida pelos teóricos contemporâneos.

No bojo dessa crise, a escola, por si só, não é capaz de desempenhar as funções educativas e sociais que lhes são exigidas. As transformações na estrutura da família, com o desaparecimento das famílias tradicionais, o crescente número de famílias uni parentais, a ausência da mãe no dia-a-dia da educação do filho, obrigam a escola a assumir funções de suplência da família, sobrecarregando os docentes com funções que estão para além da sua formação e da sua capacidade de realização, roubando-lhes energia da sua mais fundamental função: ensinar. Em certa medida, é possível afirmar que o professor foi, aos poucos, ao longo do tempo, deixando de ser um intelectual. Em simultâneo, o ensino passou a ser cada vez menos encarado como uma ciência e uma arte e cada vez mais como uma técnica enquadrada por dispositivos formais e burocratizados.

A sociedade exige cada vez mais do professor. À medida que o papel da família, da Igreja, da vizinhança, no desenvolvimento e na educação da criança e do jovem se vai estreitando, aumentam as responsabilidades da escola e as exigências que a sociedade faz aos professores. Não se espera apenas que o professor ensine os conteúdos curriculares e

transmita as heranças culturais às novas gerações. Espera-se, também, que ele cuide do equilíbrio psicológico e afetivo do aluno, proporcione apoio social e ajude o aluno a construir a sua identidade. Prepara-se o professor para ensinar determinados conteúdos disciplinares, mas espera-se que ele, para além de saber fazer isso, saiba atuar como psicólogo, assistente social, administrador, conselheiro. Convenhamos que são exigências demasiado elevadas e díspares (Veiga e Silva, 2010).

Consideramos que na busca de um ensino de qualidade, devemos levar em conta que há um sentimento de deterioração e desvalorização da imagem do professor, principalmente daquele que atua nos primeiros anos de ensino. A maioria dos educadores e teóricos é de opinião de que essa é uma crise que vem mudando os seus contornos, mas o núcleo ainda permanece: a formação desses profissionais. A educação é, hoje, objeto de vários discursos, e a formação de professores no Brasil, geralmente não vem se constituindo como uma prioridade para os gestores das políticas públicas educacionais.

O “ser professor” pressupõe que o docente deva estar capacitado para exercer seu trabalho profissional, que muitas vezes não se justifica somente através dos discursos teóricos, mas que tem relação, também com sua prática e com as condições reais que ela exerce.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

PERSPECTIVAS FUTURAS, SONHOS A ALCANÇAR

A história, como os historiadores bem sabem, e em contraste com a opinião corrente, não dá lições, não dita regras de ação, não diz a ninguém o que deve fazer; mas, somente ajuda, um pouco, a compreender o que somos, deixando-nos inteira a responsabilidade de escolher, depois de nos ter colocado na posição um pouco mais elevada, com a possibilidade de um horizonte de observação mais aberto. O resto depende da liberdade e da sabedoria dos homens, depende de suas opções, de sua generosidade, mas também, infelizmente, de seus egoísmos e de seus medos (Scoppola apud Pighin, 2004, p.VII).

A escolha do trecho na página anterior, como epígrafe para iniciar essas considerações finais, nos remete à necessidade de reconhecer que nenhum trabalho é completo. Ao contrário, ele pretende ser apenas o início, tão somente o despertar de uma nova reflexão. Desta forma é que entendemos a inserção desta pesquisa na história das instituições escolares e reconhecemos que, neste campo, não haverá jamais uma única elaboração do passado institucional, mas sim histórias/narrativas, tradutoras dos processos de construção social, “referenciando-se cada uma delas a um momento particular do passado e a intenções específicas de determinados grupos” (Nóvoa, 1998, p.42).

O campo das pesquisas sobre a história das instituições escolares “pertence ao gênero da narrativa – entendido no sentido aristotélico da articulação em um enredo de ações representadas” (Chartier, 1994, p.103). Para Viñao Frago (1995) essa história deve ser

uma seqüência, curso ou sucessão continuada de momentos em que se distribui o processo e a ação educativa, o fazer pedagógico; um tempo pedagógico que reflita determinados supostos pedagógicos, valores e formas de gestão, um tempo a interiorizar e aprender [...] (Viñao Frago, 1995, p.73)

Ainda nos aportes teóricos deste estudo, encontramos Magalhães (1998), que por outro lado, nos aponta

No plano histórico, uma instituição educativa é uma complexidade espaço-temporal, pedagógica, organizacional, onde se relacionam elementos materiais e humanos, mediante papéis e representações diferenciados, entretecendo e projetando futuro(s), (pessoais), através de expectativas institucionais. É um lugar de permanentes tensões. [...] são projetos arquitetados e desenvolvidos a partir de quadros sócio-culturais (Magalhães, 1998, p.61-62).

Face ao exposto, para tentar abarcar essa complexidade, procuramos mostrar no primeiro capítulo um breve histórico do bairro de Marechal Hermes, ressaltando, pela apresentação de fotografias, as principais construções que circundam o nosso objeto de estudo, desde a idealização da Vila Operária de Hermes até a segunda fase de conclusão da ocupação dos seus terrenos, momento em que foi concebido o Ginásio Municipal de Marechal Hermes”, embrião do Colégio Estadual Professor José Accioli.

A partir da atmosfera de idealização e criação do bairro operário buscou-se contextualizar a história da instituição escolar inserida naquela região, naquela comunidade, apontando suas transformações ao longo do tempo e sua afirmação, e num passado mais recente, narramos fatos de sua história como célula formadora de professores.

Assim, na seqüência dada ao estudo, apresentamos no segundo capítulo o CEPJA, desde os tempos de Ginásio Municipal até os dias atuais. Neste capítulo, elencamos algumas

fotografias, que por si só são capazes de retratar a evolução do colégio, apontamos dados documentais e grades curriculares, bem como a documentação que nos foi acessível para ilustrar essa história.

É imprescindível, mais uma vez, destacar que a nossa narrativa é apenas uma tentativa de preservação desta memória, é somente o primeiro passo, marcado por dificuldades pessoais, para o despertar de uma grande história que necessita ser preservada. Assim, passado e presente fundiram-se num capítulo dessa história de vida.

Encaminhando para a parte final deste trabalho, no capítulo terceiro, buscamos refletir sobre a formação de professores propriamente dita. Seus desafios, nossas percepções. Partimos do perfil do aluno ingressante no CEPJA, apontando suas expectativas no momento de ingresso no colégio. Passamos pelo perfil docente da atualidade, apontando o tempo de serviço na instituição e a qualificação profissional do mesmo, apontamos ainda para a caracterização do contexto atual do curso de formação de professores, oferecido no CEPJA e buscamos destacar, do universo selecionado de professores e professorandos, suas representações sociais em torno da profissão docente.

Relatamos, ao final, algumas experiências e/ou projetos vividos, com o intuito de registro da história presente e neste capítulo final do trabalho nos propomos a (re)pensar a problemática da formação de professores no século XXI, os propósitos do antigo curso Normal, hoje curso de formação de professores em nível médio e a realidade deste ensino no interior do CEPJA.

As (in) certezas dos alunos, as preocupações dos professores, mas a esperança de um futuro promissor por todo o universo partícipe da pesquisa nos fazem acreditar na sobrevivência do curso e na sua real importância para o colégio e sua comunidade. O espaço para este tipo de formação nos parece assegurado.

Consideramos que há necessidade de (re)ver alguns conceitos e atualizar o curso de formação de professores, mas não haveremos de reinventar a escola, pois

Somos conscientes de que reinventar a escola é uma tarefa complexa que envolve muitas outras questões. O importante é ir explicitando preocupações e inquietudes e mobilizando uma ampla discussão. (Vera Candau, 2000, p.10)

Face ao exposto, nos resta dizer que na construção e na busca de uma sociedade mais justa e igualitária certamente valerá a pena continuar acreditando no resgate da dignidade e da credibilidade profissional dos professores a partir da qualidade de sua formação e das melhorias de suas condições de trabalho.

Os professorandos com suas (in) certezas demonstram toda a problemática da formação de professores, mas também revelam muitas expectativas e esperanças em relação ao futuro profissional. Nessa direção, fomentamos nossos ideais, na busca e na permanência de um trabalho pedagógico crítico, que possa contribuir na qualidade tão almejada dos nossos cursos. Se não fizermos toda a diferença, estaremos satisfeitos em ter feito a nossa parte, ou seja, em ter dado nossa pequena parcela de contribuição para a melhoria necessária. E assim, podemos considerar que começamos a dar um primeiro passo nessa grande caminhada que se anuncia.

Ressaltamos que os primeiros caminhos, apontados aqui, necessitam ser explorados, em trabalhos futuros, em conversas que não podem cessar, em tentativas de construção de um Centro de Memória do CEPJA. Um local que ocupe-se por zelar o acervo desta instituição escolar e de sua preservação, para que essa história torne-se mais acessível à todos.

Assim, esperamos que nossas contribuições para a construção da identidade e para a preservação dessa memória possam ser consideradas na representatividade de um primeiro esforço no registro da construção de um ciclo de vida. Ciclo este que está em permanente evolução e transformação, fruto de uma história viva, não estagnada, mas ativa e aberta a novas descobertas, observações e registros, de outros pesquisadores que possam se aventurar e tentem também descrevê-la, como nos aponta Lopes (2006) olhando-a sob novos prismas, conferindo-lhe novos matizes, numa tentativa sincera de compreendê-la.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ACCÁCIO, Liéte de Oliveira. *O Ensino Normal*. In: VIII Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Florianópolis, 1996. Anais Formação e Profissionalização do Educador.

AZEVEDO, Fernando de. *A Cultura Brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

BOITO JR, Armando. *O Golpe de 1954. A burguesia contra o populismo*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BONATO, Nailda Marinho da Costa. *Memória da educação: preservação de arquivos escolares*. Presença Pedagógica. Belo Horizonte. Editora Dimensão, v.6, n.35, p.43-47, set./out.2000.

BRASIL. *Constituição Federal de 1988*. Brasília, Congresso Nacional.

BRASIL. *Lei nº. 4024, de 20 de dezembro de 1961*. Fixa as diretrizes e bases da educação nacional, Brasília, Congresso Nacional.

_____. *Lei nº. 5692, de 11 de agosto de 1971*. Fixa as diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus. Brasília, Congresso Nacional.

_____. *Lei nº. 9394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, Congresso Nacional.

CANDAU, Vera Maria (org.). *Reinventar a escola*. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2000

CASTRO, Janaína Barboza de. *A paisagem suburbana: Estudo para criação de uma Área de Proteção Ambiental (APAC) em Marechal Hermes, na cidade do Rio de Janeiro*. Trabalho final de graduação da Escola de Arquitetura da Universidade Federal Fluminense, 2º semestre/2005.

CAVALIERI, Ana Maria. *Tempo de Escola e Qualidade na Educação Pública*. In: Educação e Sociedade. Campinas, vol. 28, n. 100 – Especial. out. 2007

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

_____. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

_____. *A história hoje: dúvidas, desafios, propostas*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Vol 7, n 13, 1994.

DÓREA, Célia Rozângela Dantas. *Anísio Teixeira e a Arquitetura Escolar – Planejando Escolas, Construindo Sonhos*. Tese de Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade. São Paulo: PUC-SP, 2003.

ERLICH, Dorise. *Arquitetura Escolar da Rede Pública do Município do Rio de Janeiro (1870-1970) – ênfase na década de 1960*. Tese do Curso de Especialização em História da Arte e da Arquitetura no Brasil. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2002.

FERNANDES, Nelson da Nóbrega. *Marechal Hermes e as (des) conhecidas origens da habitação social no Brasil: o paradoxo da vitrine não-vista*. Programa de pós-graduação em Geografia UFF, 2009.

FORQUIN, J.-C. *As abordagens sociológicas do currículo: orientações teóricas e perspectivas de pesquisa*. Educação & Realidade, Porto Alegre, n. 21(1), p. 187-198, jan./jun. 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura)

FREITAG, Bárbara. *Escola, Estado e Sociedade*. São Paulo: Moraes, 1986.

GADOTTI, Moacir. *Concepção Dialética da Educação: um estudo introdutório*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1987.

GATTI, Jr, Décio. *Reflexões teóricas sobre a história das instituições educacionais*. Ícone Educação, vol 6, n 2, 2000.

GOODSON, I. F. *Currículo: teoria e história*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A, 2000.

HOBBSAWN, E., RANGER, T. (Orgs.) *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

JULIA, Dominique- *A Cultura Escolar como objeto histórico*. In: Revista Brasileira de História da Educação. Nº 1 Jan/Jun. SBHE, 2001.

JÚNIOR, Marcílio Souza e GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *História das disciplinas escolares e história da educação: algumas reflexões*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 391-408, set./dez. 2005.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LIBÂNIO, José Carlos & PIMENTA, Selma Garrido. *Revisão curricular da habilitação ao magistério; núcleo comum e disciplinas da habilitação*. Projeto do Convênio MEC/SESG-PUC/SP, 1987.

LIBÂNIO, José Carlos - Reflexividade e formação de professores: outra oscilação do pensamento pedagógico brasileiro? In: PIMENTA, Selma G.; GHEDIN, Evandro (Orgs.). *Professor reflexivo no Brasil - gênese e crítica de um conceito*. São Paulo: Cortez, 2002.

LOPES, Sônia de Castro. *Oficina de Mestres: história, memória e silêncio sobre a escola de professores do Instituto de Educação do Rio de Janeiro (1932-1939)*. Rio de Janeiro: DP&A,

FAPERJ, 2006.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergstörn. *A Formação de Professores – da Escola Normal à Escola de Educação*. In: Coleção Lourenço Filho. Brasília: INEP, 2001.

MAGALHÃES, Justino. *Contributo para a História das Instituições Educativas - entre a memória e o arquivo*. Universidade do Minho. (mimeo), 1996.

_____. *Um apontamento metodológico sobre a história das instituições educativas*. In: SOUSA, Cynthia P. e CATANI, Denice B. (orgs.) *Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente*. São Paulo: Escrituras, 1998.

_____. *de Breve Apontamento para a História das Instituições Educativas*. In, SANFELICE, José L. ; SAVIANI, Demerval; LOMBARDI, José C. (org) *História da Educação: Perspectivas para um intercâmbio internacional*. Campinas SP: Autores Associados, 1999.

_____. *Contributo para a História das Instituições Educativas – entre a memória e o arquivo*. In:FERNANDES, Rogério e MAGALHÃES, Justino (orgs.) *Para a História do Ensino Liceal em Portugal: Actas dos Colóquios do I Centenário da Reforma de Jaime Moniz (1894-1895)*. Braga, Portugal: Universidade do Minho, 1999.

MARTINS, Ângela Maria de Souza. *Dos anos dourados aos anos de zinco: análise histórico-cultural da formação do educador no Instituto de Educação do Rio de Janeiro*. Tese de doutoramento. (mimeo). UFRJ, 1996.

MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck. *Os arquivos e fontes como conhecimento da História das instituições escolares*. In:NASCIMENTO, Maria Isabel Moura [et al.] orgs. *Instituições Escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica*. Campinas, SP: Autores Associados HISTEDBR; Sorocaba, SP; UNISO, Ponta Grossa, PR: UEPG, 2007 (Coleção Memória da Educação).

NASCIMENTO, Maria Isabel Moura [et. al.], (orgs.) *Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica*. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR; Sorocaba, SP: Uniso; Ponta Grossa, PR: UEPG, 2007.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História. São Paulo, vol.10, dez/1993.

NÓVOA, Antonio. *Profissão: professor*. Porto: Porto Editora, 1991.

_____. (org.) *Vidas de Professores*. 2ª ed. Portugal: Porto Editora, 1992.

_____. *Professor se forma na escola*. Nova Escola 142. Maio, 2004.

_____. *História da Educação: novos sentidos, velhos problemas*. In: Magalhães, Justino Pereira (org). *Fazer e ensinar história da educação*. Braga: Universidade do Minho, 1998.

OLIVEIRA, Alfredo César Tavares de. *O bairro de Marechal Hermes: da moradia operária à habitação social*. Tese de Doutorado, Niterói, Programa de Pós-graduação em Geografia - UFF, 2009.

PEREIRA, Luiz. *O Magistério primário na sociedade de classe*. SP, FFLCH-USP, Boletim n° 277, 1963.

PEREIRA, Octacilio A. (Org.). *Almanach do Pessoal Docente e Administrativo do Collegio Pedro II até 31 dez 1920. n.1*. Rio de Janeiro, 1921.

_____ (Org.). *Almanach do Pessoal Docente e Administrativo do Collegio Pedro II até 30 jun 1924. n.2*. Rio de Janeiro, 1925.

PIGHIN, B F. *I Seminário di Concórdia-Pordenone*. V.1. Pordedone: Seminário Diocesano, 2004.

PIMENTA, Selma Garrido. *Função sócio histórica na formação de professores*. In: *Idéias* Nr 3, São Paulo: FDE, 1992.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da educação no Brasil*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

SANFELICE, José L. *História, instituições escolares e gestores educacionais*. In: *Revista HISTEDBR*, Campinas, n. especial, p.20–27, ago. 2006.

SAVIANI, D.; LOMBARDI, J. C.; SANFELICE, J. L. (orgs.). *História e história da educação*. Campinas/ São Paulo : Autores Associados: HISTEDBR, 1998.

SAVIANI, Demerval. *A Nova Lei da Educação: trajetórias, limites e perspectivas*. Campinas, SP: Autores Associados, 1997.

SAVIANI, Dermeval. *História das Idéias Pedagógicas no Brasil*. São Paulo, Campinas: Autores Associados, 2008.

SEGISMUNDO, Fernando. *Memória de Estudante – Colégio Pedro II*. Editora Brasil-América (EBAL), 1987.

SERRANO, Jonathas. *Cinquenta Anos de Ensino Normal*. Boletim de Educação Pública. Publicação trimestral da Diretoria Geral de Instrução Pública do Distrito Federal. Rio de Janeiro, out./dez. 1930. Republicado post-mortem em: *Arquivos do Instituto de Educação*. Secretaria Geral de Educação e Cultura. Prefeitura do Distrito Federal. Rio de Janeiro, dez. 1945.

SILVA, Sérgio Conde de Albite. *Algumas reflexões sobre preservação de acervos em arquivos e bibliotecas*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 2a ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

TANURI, L. M. *Contribuição para o estudo da Escola Normal no Brasil*. Pesquisa e planejamento. São Paulo, v.13, 1970.

THOMAZ, Sueli Barbosa. *Impasses e perspectivas para o ensino de 2º grau – O caso concreto do Colégio Estadual Henrique Lage*. Rio de Janeiro: SENAI, 1986.

VENÂNCIO FILHO, Francisco. Instituto de Educação do Distrito Federal. *Arquivos do Instituto de Educação*. Rio de Janeiro, Secretaria Geral de Educação e Cultura, Prefeitura do Distrito Federal, dez., 1945.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro; SILVA, Edileuza Fernandes da Silva (orgs) - *A escola mudou que mude a formação de professores*. Campinas, SP: Papirus, 2010.

VIDAL, Diana G. *Cultura e prática escolares: uma reflexão sobre documentos e arquivos escolares*. In: SOUZA, Rosa F. e VALDEMARIN, Vera T. (orgs.) *A cultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa*. Campinas, SP: autores Associados, 2005. Apoio: Unesp/FCLAr.

VILLELA, Heloisa de Oliveira Santos. *A Primeira Escola Normal do Brasil*. In: ARAÚJO, JC.; FREITAS, A G B.; LOPES, A P C. (Orgs.) *As Escolas Normais no Brasil – Do Império à República*. São Paulo, Campinas: Editora Alínea, 2008.

VIÑAO FRAGO, Antonio. *Historia de la educacion e historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones*. Revista Brasileira de Educação, n 0, 1995.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. *História das instituições escolares ‘de que se fala?’*. In: LOMBARDI, José Claudinei e NASCIMENTO, Isabel de Moura (orgs). *Fontes, história e historiografia da educação*. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR, 2004.

<http://www.flogao.com.br/colégiojoseaccioli/profile>, acessado em 12/04/2011.

<http://www.rj.gov.br/web/imprensa/exibeconteudo?article-id=359856>, acessado em 23/02/2011

www.educacao.rj.gov.br/, acessado em fev/mar/abr de 2011.

www.facaparte.org.br, acessado em 24/05/2011.

<http://www.portaldaliteratura.com/pensamentos.php?tema=102>, acessado em 12/07/2011.